# ILUSTRAÇÃO



16-SETEMBRO-1937

N.º 282 - 12.º ano

PREÇO - 5 escudos

### INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

## Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA

Médico dos Hospitais de Lisboa

#### O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

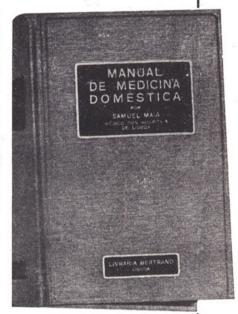
#### INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O Manual de Medicina Doméstica, é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra incontestàvelmente de grande utilidade, trabalho cuja seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O Manual de Medicina Doméstica ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos sôbre enfermagem, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a alimentação para os doentes ou convalescentes e mesmo para os sãos, etc., etc.; emfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duna forma agradável e acessível a tóda a gente e indicados num indice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁ-CIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS— RECEITUÁ-RIO — SOCORROS DE URGENCIA



EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

### Manual de Medicina Doméstica

E assim, quando na ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência, ou na sua falta, como no interior e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao MANUAL DE MEDICINA DOMESTICA nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

#### Regra de bem viver para conseguir a longa vida

ı vol. de 958 páginas nítidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35\$00** 

#### Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

LISBOA - Rua Garrett, 73, 75



# Uma chavena d'

### **OVOMALTINE**

pela manhã dá energias para um dia de trabalho ao deitar assegura um sono tranquilo e natural.

À venda em todas as Farmácias, Drogarias e Mercearias em 1/1, 1/2 e 1/4 de lata

DR. A. WANDER S. A. — BERNE

ALVES & C.A (IRMÃOS) - RUA DOS CORREEIROS, 41-2.º - LISBOA

### À VENDA

o 5.º volume

### CAMÕES LÍRICO

(CANÇÕES)

PELO DR. AGOSTINHO DE CAMPOS

Este volume completa a obra Camões Lírico, da Antologia Portuguesa

1 vol. de 320 págs. broch. 12\$00 Pelo correio à cobrança. 14\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND - 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

#### ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.) Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e Impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa
Precos de assinatura

		MESES		
	3	6	12	
Portugal continental e insular	30\$00 32\$40	60\$00 64\$80	120\$00 129\$60	
Ultramar Português	=	64\$50 69\$00	129\$00 138\$00	
Espanha e suas colónias	=	64\$50 69\$00	129\$00 138\$00	
Brasil(Registada)	I	67\$00 91\$00	134\$00 182\$00	
Outros países	=	75\$00 99\$00	150\$00 198\$00	

Administração-Rua Anchieta, 31, 1.º-Lisboa

### VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



**ENCONTREI ESTA** 

### Cera Mágica de Beleza



no interior duma flor

Visitando as regiões do Sul da França, onde são fabricados os perfumes, ouvi falar das surpreendentes propriedades de embranquecer a pele, possuí-das por uma cera pura e virgem extraída da parte interna duma flor. Um Médico explicou-me que, empregada à noite, antes do deitar, esta substância untuosa, chamada «Cire Asepti-ne», amolece a camada externa rugosa e escamosa da pele e fá-la soltar-se em finas partí-culas. De manhã, tirar-se-à lavando a cara, revelando-se assim a nova beleza natural duma pele branca, que se encontrava escondida até então. Os pontos negros, poros dilatados e imperseições do rosto desapare-

ceram. A Cire Aseptine transformou, tão mara vilhosamente, a minha pele escura e salpicada de sar·las numa pele branca, aveludada e dum frescor juvenil que, dora-avante, a emprego também nos ombros, braços e mãos. Realmente, é, para a pele, um banho mágico de beleza muito simples, de emprêgo fácil e dos mais baratos.

Encontra se à venda nas perfumarias e boas casas da especialidade. Não a achando, pode escrever ao Depósito Aseptine—88, Rua da Assunção, Lisboa—que atende na volta do correio. Um grande sucesso de livraria

À VENDA A 8.ª EDIÇÃO

# FÁTIMA

GRAÇAS \* SEGREDOS \* MISTÉRIOS

POR ANTERO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

Pedidos aos editores:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 – LISBOA

SENSACIONAIS REVELAÇÕES CIENTIFICAS RESULTANTES DE PROFUNDAS INVESTIGAÇÕES

### Estudos sôbre Quirologia, Metoposcopia e Astrologia

Segundo os métodos modernos do Prof. FANNY LORAINE

Curiosas divulgações sôbre o Destino. A vida do homem está escrita nas linhas da mão, definida pelas rugas da testa e regulada pelas influências astrais



A quirologia é uma ciência, e como tôdas as ciências, está baseada em verdades positivas, filhas da experiência e que portanto, por serem demonstráveis, são indiscutíveis.

Conhecimento dos carácteres dos homens por meio dos vários sinais da testa. As sete linhas da fronte. As raízes da Astrologia. A lua nos signos do zodiáco.

Nesta interessantíssima obra qualquer pessoa encontra nas suas páginas o passado, o presente e o futuro.

1 vol. broc. de 186 págs., com 8 gravuras em papel couché e 21 no texto, Esc. 10\$00, pelo correio à cobrança, Esc. 12\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND - Rua Garrett, 73 - LISBOA

SAMUEL MAIA

Médico dos hospitais de Lisboa

#### O LIVRO DAS MÃIS

### O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado, encad., 17\$00; broc., 12\$00

Tedidos à LIVRARIA BERTRAND, 73, R. Garrett, 75 - LISBOA

# COLECÇÃO P. B.

Esta colecção, especialmente destinada a senhoras e meninas, veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nela estão publicadas e serão incluidas sómente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entrecho romântico sugestivo interêsse, ofereçam também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrificio, de grandeza de alma, de tudo quanto numa palavra, deve germinar no espírito e no coração da mulner, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e seduções, quer desabrochada em flor após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãi de família, educadora de filhos e escrinio de virtudes conjugais.

Volumes publicados:

#### M. MARYAN

Caminhos da vida
Em volta dum testamento
Pequena rainha
Dívida de honra
Casa de família
Entre espinhos e flores
A estátua velada
O grito da consciência
Romance duma herdeira
Pedras vivas
A pupila do coronel
O segredo de um berço
A vila das pombas
O calvário de uma mulher
O anjo do lar
A fôrça do Destino
Batalhas do Amor
Uma mulher ideal
Ilusão perdida

#### SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias Cada vol. cartonado . . . Esc. 8\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND 75, Rua Garrett, 75-LISBOA

### O Bébé

A arte de cuidar

Tradução de Dr.ª Sára Benollel e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseça.

> Um formosissimo volume ilustrado

> > 6800

Depositária:

LIVRARIA BERTRAND 73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

### DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

ALITA

ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. **25\$00** 



LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

Venda a prestações contra entrega imediata da obra. O cliente paga a 1.º prestação e pode levar para casa os 21 volumes tendo ainda a vantagem do sorteio que lhe pode proporcionar o pagamento da obra por uma deminuta importância



### HISTÓRIA UNIVERSAL

#### de GUILHERME ONCKEN

A mais completa e autorizada história universal até hoje publicada

Tradução dirigida por

CONSIGLIERI PEDROSO, AGOSTINHO FORTES, F. X. DA SILVA TELES e M. M. D'OLIVEIRA RAMOS antigos professores de História, da Faculdade de Letras

21 vols. no formato de 17 cm. × 26 cm., 18.948 págs., 6.148 grav. e mais de 50 hors-textes

Muito bem encadernados em percalina e letras douradas Em 20 prestações mensais de Esc. 75\$00 com resgate por sorteio mensal Esc. 1.500\$00

COMO É O SORTEIO? Os recibos das prestações com direito a sorteio levam o número da inscrição (só dois algarismos). Quem tiver o número igual aos últimos dois algarismos do número premiado com o 1.º prémio da última lotaria do mês NADA MAIS TERÁ QUE PAGAR liquidando assim o débito que nessa data tiver de prestações a vencer. ASSIM PODERÁ SALDAR O SEU DÉBITO, APENAS COM UMA OU MAIS PRESTAÇÕES conforme a sorte bafejar o comprador. Desta vantagem NÃO BENEFICIARÁ O COMPRADOR que estiver em atraso de uma ou mais prestações.

Mediante pequena formalidade o comprador, apenas com o pagamento da 1.º prestação, pode levar a obra completa para sua casa

Peçam informações mais detalhadas à

LIVRARIA BERTRAND—Rua Garrett, 73—LISBOA



A PROSA ADMIRAVEL DUM GRANDE ESCRITOR

À venda a 3.ª edição de

### **NEVES DE ANTANHO**

do CONDE DE SABUGOSA

Ignez Negra. — Amores do Senhor D. Jorge. — D. Brites de Lára. — Um romance na Cô te de D. João III. — Desculpa de uns amores. — A filha de D. Pedro Nunes. — Só or Violante do Céo. — D. Francisco Manoel de Melo. — Antónia Rodrígues. — Amor aos livros. — Ramalho Ortigão. — Um beija-mão de Ano Bom no Paço da Ajuda.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA





AQUILINO RIBEIRO

# O GALANTE SÉCULO XVIII

Textos do CAVALEIRO DE OLIVEIRA

1 volume de 324 págs., broc. . . **12\$00** 

Pedidos à

### LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

UM GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

### VIAGENS EM ESPANHA

POR JÚLIO DANTAS

Á VENDA O 3.º MILHAR

O pórtico da glória — La maja desnuda — Os bóbos de Velásquez — Galiza e a saudade — Mósen del Sevillano — A Aljaferia de Saragoça — Princezas de Moro e de Ticiano — O túmulo de Rosalia — A armadura de D. Sebastião — O luar de Pontevedra — La Tirana — Las mujeres son buenas — Bárbara de Bragança — Rainha de uma noite — Carlota Joaquina num quadro de Goya — A língua galega — A rainha peregrina — El Português en Sevilla — A loucura de Don Quixote — O castelo do rouxinol — Lopo de Vega em Portugal — Um português na obra de Cervantes — Puente de Bárzia — Toledo e o "Greco" — Los desastres de la guerra.

Um volume de 312 páginas, brochado, com capa a côres, oiro e prata..... 12\$00
Pelo correio à cobrança... 14\$00

Pedidos aos editores: LIVRARIA BERTRAND 73, Rua Garrett, 75 - LISBOA PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRA-ÇÃO: RUA AN-CHIETA, 31, 1.0 TELEFONE: -

N.º 282-12.º ANO 16-SETEMBRO-1937

# IIISTRAÇÃO NO DIRECTOR ARTHUR BRANDÃO DIRECTOR ARTHUR BRANDÃO

PLO carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenna a concordância do seu director.

### ASPECTOS DA GUERRA CIVIL EM ESPANHA





Duas vistas que sugerem uma pálida ideia da situação de Madrid. Fortificações que dão a triste impressão de ruínas, luto, devastação, consumpção, cinza . . . Estas duas fotografias foram tiradas nos arrabaldes da capital espanhola, após um bombardeamento aéreo

### ACTUALIDADES DA QUINZENA



Um trecho da assistência ao almôço oferecido pelo sr. ministro das Colónias a todos os que colaporaram na Exposição Histórica da Ocupação que constituiu uma alta e útil lição de história.

Ali, lado a lado, na Sala dos Brasões, todos os que contribuiram para o êxito magnífico, se juntaram fraternalmente sem distinções nem prerogativas



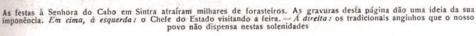
Dois aspectos da festa de homenagem à brigada naval da Legião Portuguesa, realizada no Casino de Espinho. Foi uma festa elegante e, sobretudo, altamente patriotica



Na praia da Figueira da Foz naufragou a traineira «Sagres II» que ficou completamente destruida. As duas gravuras que publicamos dão dois aspectos do desastre junto ao forte de Santa Catarina. Ao cabo de inauditos esforços, foi salva toda a tripulação

### A SENHORA DO CABO EM SINTRA









Outro aspecto da procissão que soleniza uma lenda deliciosa do tempo do Mestre de Aviz. Um velho de Alcabideche e uma velha de Caparica receberam, em sonho, nessa época de incertezas, a incumbência de peregrinar em busca da Mãe de Deus. No Cabo de Espichel viam-na surgir das ondas montada numa jumentinha. Deixara uma imagem. Das pegadas da jumenta tinham ficado sinais num recanto do cabo. — Outros aspectos: os juizes levando a bandeira e a entrada da imagem na Igreja





### A X CONFERÊNCIA CONTRA A TUBERCULOSE



A fachada da Faculdade de Medicina de Lisboa, onde se realizou as sessões da X Conferência Internacional contra a Tuberculose, ornamentada com as bandeiras dos países que se fizeram representar. — Á direita: um aspecto da sessão inaugural no Palácio do Congresso, sob a presidência do Chefe do Estado. O Palácio estava exteriormente iluminado e embandeirado com os pavilhões de tôdos as nações que se fizeram representar



O sr. Presidente do Conselho lendo o seu discurso em que fez ressaltar estas doutas palavras: «O que mais importa não é que nos ensineis a curar o mal; seria que nos ensinásseis a evitá-lo». — Á direita: O sr. Presidente da República com os delegados à X Conferência



O sr. presidente da Câmara Municipal com os srs. ministro da Educação Nacional e o dr. Lopo de Carvalho no baile oferecido nos Paços do Concelho aos membros da X Conferência da União Internacional contra a Tuberculose. Pode dizer-se que esta festa, já pela categoria das individualidades que a ela assistiram, já pela animação com que decorreu, constituiu uma magnifica recepção. — Á direita: A reunião da Comissão Executiva da Conferência

Sempre que se fala em Torcato Tasso, vem logo à discussão a triste história da sua paixão por Leonor de Este, chegando-se até a denegrir a atitude do magnánimo duque de Ferrara que tão nobremente protegeu o poeta.

Se a vida do autor da Jerusalem libertada não tivesse sido contada através

duma veladura da lenda, ninguém perderia tempo com ela, embora emoldurada de louros viridentes.

Tasso foi, acima de tudo, um ingrato. Aos

benefícios do duque respondeu com insultos de arrieiro.

Se tanto orgulho tinha no seu talento, porque andou a mendigar as boas graças do potentado, valendo-se dos mais sólidos empenhos?

Tendo escrito aos desassete anos um poema cavalheiresco que intitulou Reinaldo, julgou-se um super-homem, digno das atenções do mundo inteiro. A magnificência da côrte de Ferrara atraía-o. Tanto manobrou que, quatro anos depois, o duque dignou-se recebê-lo, dando-lhe o cargo de gentilhomem do cardial Luiz de Este, seu irmão.

Não era bem o que o poeta ambicionava. Como o cardial fôsse encarregado duma missão oficial em França, Tasso acompanhou-o, mau grado seu. Apresentado a Carlos IX, foi alvo das maiores deferências. Mas Torcato Tasso desejava mais, muito mais. Não tardou a manifestar-se tal como era, chegando a ser incorrecto com o cardial, a quem devia obediência e lealdade. De tal maneira se conduziu, que o cardial afastou-o da sua intimidade, sem, contudo, provocar escândalo.

Tasso voltou à côrte de Ferrara, onde, apesar de tudo, continuou a gosar dos

mesmos favores que até então lhe tinham dispensado.

Como começaram as infelicidades do Tasso? Por ter amado a irmã do duque, Leonor de Este? É possível que a sua ânsia de se colocar bem na vida o impelisse a levantar os olhos para tão nobre dama, mas a razão da sua

Sant'Ana, onde ficou encerrado, como doido, numa cela».

Esta descrição não é inteiramente verdadeira.

Eis outra variante:

"A causa das infelicidades de Tasso foi a sua enfatuação impertinente. Tinha pensado em explorar a generosidade

dos príncipes italianos, cujos antepassados glorificava, e alienou a amizade do duque de Ferrara, adiando sempre a dedicatória que devia fazer do seu

que devia fazer do seu poema. Certo dia, sentiu-se apoderado pelo delírio da perseguição. Em 1577 fugiu, durante a noite, do palácio de Ferrara, e foi refugiar-se em casa da sua irmã, em Sorrento. Tempos depois, mandou pedir ao duque a continuação da sua protecção. O duque, dando largas à sua generosidade, restituiu-lhe os seus antigos aposentos, e admitiu-o novamente à sua mesa. Decorridos meses, Tasso voltou a fugir, levando uma vida de vagabundo através da Itália.

"Por fim, cansado duma tal digressão, regressou a Ferrara no próprio dia em que dava grandes festas no seu palácio por motivo do seu segundo casamento.

"Tasso, sempre enfatuado, entrou no palácio como em casa sua. Mas os cortezãos voltaram-lhe as costas com o mais frio desdém. O poeta tentou falar ao duque, mas êste, farto já de o aturar, não se dignou recebê-lo.

"Foi então que o Tasso injuriou em altos brados a casa de Este e todos os seus moradores, provocando um tal escândalo que o duque, tomando-o por louco, o fez encerrar no hospital de alienados de Sant'Ana.

Quanto aos seus amores com Leonor de Este, nada existiu, pelo menos com o conhecimento desta dama.

A "branca flor de Ferrara", como o poeta lhe chamava nos seus arroubos poéticos, nunca se dignou reconhecer-se na adorada musa que Torcato Tasso fantasiava nos seus mais apaixonados sonetos.

Da sua prisão, o poeta, escrevendo ao seu amigo Scipião Gonzagua, carpia-se nêstes termos:

"Eu queria ilustrar e glorificar a minha vida; mas, agora, alquebrado sôb o pêso da desgraça, perdi tôda a esperança de conquistar um nome glorioso. O temor duma perpétua prisão aumenta a minha tristeza; redobram-na os ultrages que me fazem sofrer. Estão esquálidas as minhas barbas; cabelos e vestuário tudo em desalinho. Em verdade, se Aquela que tão mal correspondeu ao meu amor me visse em semelhante estado e em tamanha aflição, teria pena de mim!..."

Mas, preguntámos nós, que culpa teria a insensível Leonor de Este em não sentir a mais leve atracção pelo genial autor da Jerusalem libertada?

A culpa, no fim de contas, não seria dela, e, mesmo que o fôsse, estaria, como se calcula no seu legítimo

Torcato Tasso na côrte de Ferrara se calcula no seu legítimo direito. "Não se gosta porque se não gosta...".

# ingratidão de Torcato Tasso

expulsão da côrte de Ferrara não foi essa.

Serassi — um dos biógrafos de Torcato Tasso — diz que "em 1575, o poeta fôra a Roma com o fim de aproveitar das indulgências do jubileu papal", e que "esta viagem lhe aumentou as suspeitas de querer o poeta fazer aliança com outra côrte".

Daí os seus infortúnios. Salienta o biógrafo que voltando Tasso a Ferrara, o duque se negara a recebê-lo, seguindo o exemplo do irmão cardial que não cumprira nenhuma das suas promessas.

Informa também que "Tasso, depois de sofrer por algum tempo as pióres afrontas, caído no desagrado do duque e da princesa, desamparado de amigos, insultado por inimigos, não se conteve mais nos limites da moderação, e desabafou com expressões injuriosas, contra a casa de Este, maldizendo os serviços que lhe prestára, e, bem assim, desdizendo-se dos elogios poéticos aos príncipes e aos magnates, designando-os todos como uma corja de covardes, ingratos e devassos».

"O resultado dêste descomedimento – declara ainda Serassi – foi ser preso o Tasso, e levado ao hospital de



To princípio do século passado, ainda se podia ver na pequena aldeia de Cumnor, situado a três ou quatro milhas da cidade de Oxford, em Inglaterra, as ruïnas dum castelo senhorial cuja construção devia ascender a um período anterior à Renascença.

O tempo passára destruindo, com a sua foice implacável, a sombria mansão, velha relíquia dos séculos do feudalismo, que outrora, tão altivamente, erguia a sua rude e majestosa silhueta no azul do céu. A época da sua grandeza e esplendor findara para sempre. Todavia, não era sem uma espécie de emoção que o viajante contemplava essas vastas ruinas, quando doiradas pelos clarões do sol poente, ou, sobretudo, quando a lua vinha com os seus pálidos raios iluminar as torres prestes a desmoronarem-se e as muralhas cobertas de musgo do antigo

O viajante detinha-se, e, por momentos, conservava-se imóvel, absorto na contemplação dêsse imponente e romanesco quadro. Depois, prosseguia o seu caminho, um pouco triste, talvez, em face dessa prova irrefutável da instabilidade das coisas humanas, mas com o espírito repleto de imagens do passado.

As pedras seculares daquele castelo ancestral pareciam falar-lhe das formosas castelãs que outrora o haviam habitado.

E, levado nas asas da imaginação o viajante evocava as belas damas de antanho, as nobres flores de amor, que ali tinham vivido e amado.

Via-as rezando aos pés do altar, loiras,

cândidas, espirituais, semelhantes a essas doces princesas de vitral que, de joelhos e mãos postas, adoravam o Menino Deus.

Via-as nas liças, com os seus feéricos trajos de lhama de prata, esplêndidos mantos de veludo e arminho, magníficos diademas cintilantes de pedrarias, gravemente sentadas nas tribunas, olhando a arena onde os paladinos, revestidos de

ferro e montados em soberbos cavalos da Barbéria, quebravam lanças, a fim de proclamarem a rainha do torneio.

Via-as, recostadas em cadeiras de alto espaldar, junto de janelas ogivais, escutando, distraïdamente, a suave melodia que um pagem de anelados cabelos extraía do alaúde, esperando que ao longe, na curva da estrada, surgisse o belo cavaleiro de armadura polida que tão bem sabia manejar a lanca e cantar o amor!

Quantos projectos de noivado - pensava o viajante - se não teriam urdido dentro daquelas velhas torres! Quantos enlaces de paixão se não teriam celebrado naquela vetusta igreja! Quantas existências venturosas não teriam decorrido naquele castelo medieval!

Devaneios, unicamente devaneios, frutos duma imaginação romanesca, e nada

A realidade, de modo algum, correspondia às evocações do viajante. Nenhuma dessas nobres damas de antanho que os cronistas descreviam tão formosas, habitara a sombria mansão, pois o castelo fôra, desde sempre pertença, da comunidade Abingdon. Senhora, só ali vivera uma, e muito mais tarde, quando, extintas por Henrique VIII as ordens religiosas, o domínio passára às mãos dum rico particular, e, a vida dessa desventurada mulher havia sido justamente o contrário duma existência de amor e de felicidade.

Não eram cenas de idílio, mas de tragédia que o castelo de Cumnor devia lembrar. Um nefando crime ali fôra cometido. Aquelas pedras seculares estavam manchadas de sangue...

Já lá vão quatro séculos que a pedra do túmulo se cerrou sôbre a vítima, e, contudo, ainda hoje não é sem uma profunda emoção que se evoca a sua breve existência e cruel morte.

Tudo se resume numa história triste. dramática e impressionante.

Na orla da floresta de Exmoor, elevava-se, no reinado de Henrique VIII,



# A espantosa tragédia do Castelo de Cumnor

um castelo que mais parecia uma pequena fortaleza. Chamava-se êle Lidcote Hall, e pertencia à ilustre família dos Robsart. Foi lá, numa linda manhã de primavera, em que a Natureza inteira parecia entoar um hino de alegria, que Amy Robsart - aquela que um dia tão tràgicamente havia de perecer no castelo de Cumnor - veio ao mundo.

Estava-se ainda no tempo em que as mães embalavam os filhos para guerra nos escudos dos pais, de modo que Sir João Robsart, que esperava um varão. para, no futuro, lhe vir a suceder na sua nobre e opulenta Casa, sentiu-se vivamente desapontado com o nascimento da filha.

Mas, quando lhe trouxeram a criança - um pequenino querubim vestido de rendas que ria e chorava ao colo da aiaum sentimento de enlevo e ternura acordou na sua alma e fê-lo esquecer por completo o seu desapontamento.

Tomou a filhinha nos bracos, beijou--lhe, comovido, as mãositas côr de rosa, e, a partir dêsse instante, amou, adorou a criança, como adoraria um anjo de asas brancas que tivesse descido do céu para vir habitar o seu lar.

E os anos decorreram, serenos e felizes até o dia em que Lady Robsart, a bela esposa de Sir João, morreu em plena mocidade, deixando ao marido, por única consolação, a pequena Amy.

Sir João amava apaixonadamente a esposa. Quando a morte lhe arrancou dos braços essa gentil fada, o pobre cavaleiro envelheceu vinte anos, e, desde êsse momento, tôdas as suas afeições se concentraram na filha. Decidiu viver para ela, unicamente para ela, não ter outros horizontes que não fôssem os lindos olhos da sua Amy. Depois da criança completar dez anos, resolveu encarregar-se, êle próprio, com a ajuda do pastor, da sua educação, a fim de não confiar a estranhos a tarefa de a habilitar a, um dia, ocupar dignamente, na côrte, o lugar a que a sua nobreza e fortuna lhe davam direito.

A areia doirada foi caindo nas ampulhetas de cristal e as semanas fizeram-se meses e os meses anos. Amy cresceu como uma viçosa flor entre ruïnas, no ambiente severo e triste daquele velho castelo, onde nem um móvel, nem um quadro mudara de lugar desde a morte da castelă, e transformou-se numa encantadora rapariga.

O desabrochar dessa radiante mocidade veio, como era natural, desvanecer um pouco a melancolia que pesava sôbre a antiga mansão. As gargalhadas de Amy. ecoando, alegremente pelas salas dir-se-ia terem o condão de dissipar a tristeza do ambiente e dar até um aspecto festivo às

tapeçarias desbotadas e aos Amy Robsort retratos de família enegreci-

dos pelo tempo. Ao silêncio, quási sepulcral, que outrora ali costumava reinar. sucedeu o constante ruído da música que ela, com os seus níveos dedos, extraía das teclas de marfim da espineta e das cordas do alaúde. O próprio Sir João, cedendo aos seus meigos pedidos, abandonava as suas tristes reflexões e montava a cavalo, para a acompanhar à caca ou nas visitas aos castelos visinhos.

Todos em Lidcote Hall a adoravam como a uma fadasinha benfazeja, e Amy, por sua vez, a todos correspondia com um terno afecto. Amava profundamente o pai, o velho pastor e a aia que a criara. Amava também as servas, as crianças, as flores, os animais, enfim, a humanidade inteira. O seu pequenino coração trasbordava de amor...

Os seus educadores deviam-lhe ter dito que o coração é o nosso piór inimigo. que há entes que são verdadeiras feras. que há flores que têm espinhos e que há servos que, por uma moeda de oiro, são capazes de cometer as majores vilanias.

Mas não o fizeram. Amy cresceu, pura e simples como uma criança, e converteu-se numa dessas raparigas adoráveis de ingenuïdade e candura, quási sempre condenadas a serem esmagadas na vida.

Amy Robsart tinha desasseis anos, a idade dos sonhos e das ilusões, e, um dia, depois de ter lido na Biblia o Cântico dos Cânticos, principiou a sonhar também com o bem amado que "chega saltando por cima dos montes e atravessando os outeiros. Quando viria Ele acordar na sua alma a dôce chama do

Êle — devaneava a inocente rapariga havia de ser belo, valente, generoso, como êsses paladinos que os poetas de outro tempo celebravam nas canções de gesta... Êle havia de adorá-la tôda a vida de joelhos... Haviam de ser os dois felizes. muito felizes, como os príncipes e as princesas dos contos de fadas...

Quimeras, utopias... Pobre crianca ingénua que idealizava o Mundo e a vida através das baladas e dos romances de

Um dia, Sir João levou-a consigo a Londres e realizou-se, enfim, a grande aspiração da existência de Amy - ser apresentada ao rei Eduardo VI.

A aparição, na côrte, da filha de Sir João Robsart, de Lidcote Hall, constituiu um verdadeiro triunfo. Quando ela entrou na sala de recepção, ao lado do pai, linda como um anjo, simplesmente adorável no seu esplêndido trajo de setim branco recamado de pérolas do mais puro Oriente, todos se voltaram, e um longo murmúrio de admiração se fez ouvir.

Era, realmente, uma deliciosa visão de graça, mocidade e beleza. Um artista entusiasmar-Roberto Dudley -se-ia perante aquele corpo de sílfide admirável pela proporção de li-

nhas e suavidade dos contornos, aquela pequenina cabeça coroada por uns magníficos cabelos anelados dum lindo castanho escuro, aquele níveo rosto, duma rara delicadeza de traços e aqueles olhos côr de avela, diáfanos, ternos, aveludados em que tôda a pureza angélica da sua alma se reflectia.

Amy, um pouco tímida, como que ofuscada pelo fogo de tantos olhares fixados sôbre ela, avançou, a passos lentos, até junto do trono. Fez as suas reverências ao pequeno rei, que a acolheu, graciosamente, com um bom sorriso e algumas palayras gentis.

A direita de Eduardo VI. estava um homem sumptuosamente vestido e coberto de jóias, a quem o próprio rei parecia falar com respeito. Era João Dudley, duque de Northumberland, o omnipotente e temido ministro que governava a Inglaterra a seu bel-prazer.

O olhar do poderoso estadista caju sôbre Amy, e. quando esta se afastou, voltou-se para seu filho, Roberto Dudley, que, desde a entrada da jóvem, tomado duma viva admiração, não desfitara dela a vista, e, segredou-lhe algumas palavras ao ouvido.

Nessa própria noite, depois da recepção, houve uma demorada conferência entre o pai e o filho, e dessa entrevista, chegaram os dois à conclusão de que Amy Robsart, filha única e herdeira do opulento Sir João Robsart, senhor de esplêndido domínio de Lidcote Hall, constituia um partido vantajosíssimo, e que era preciso (não fôsse alguém lembrar-se de os preceder) ir imediatamente pedi-la em casamento ao velho cavaleiro.

Todavia, deve frizar-se, foi de sua livre vontade, encantado não só com os bens. mas com a formosura da jóvem e de modo nenhum constrangido pelo pai, que Dudley o autorizou a formular em seu nome o pedido.

Dias depois, o pretendente era solene-



mente apresentado a Amy, e principiava a prestar-lhe as suas homenagens.

E Ela - desgraçada inocente que caminhava de olhos vendados para um abismo terrível - rendeu logo o seu coração a êsse mancebo, tão belo e sedutor como um príncipe dos contos de fadas, que, primeiro que ninguém, fez soar aos seus ouvidos a perturbadora e inebriante música das palavras de amor...

Sir João acolheu radiante de alegria e orgulho, o pedido de casamento que ia fazer entrar a filha na Casa do poderoso duque de Northumberland e o enlace realizou-se, no meio da maior pompa, na presença do próprio Eduardo VII e de tôda a côrte.

E Amy foi feliz, não talvez como outrora idealizara, abrindo asas à sua poética e sonhadora imaginação de criança. mas duma maneira bem real e bem humana. O casamento, elevando-a quási ao nível das princesas, trouxe-lhe é certo, distinções e honrarias que não gozava no tempo em que vivia obscura, e simplesmente, em Lidcote Hall. À sua passagem, isto é, á passagem da muito alta, nobre e poderosa Lady Amy Dudley, nora do duque de Northumberland e cunhada da princesa Joana Grey - futura (dizia-se) rainha de Inglaterra, - abriam--se alas e curvavam-se as mais altivas e ilustres frontes. Mas o diamantino coração da filha de Sir João Robsart desprezava o brilho das grandezas, e, por sua vontade, teria abandonado a côrte para ir viver, com o seu adorado marido, uma existência de paz e amor num dos seus castelos, longe daquele ambiente de falsidades e ambições onde tudo o que era puro se pervertia.

Porém, Lord Dudley era, na verdade, mais um estadista do que um marido, e, embora parecesse amá-la ternamente, estimava-a, contudo muito menos - reconhecia-o ela com tristeza - do que à política e à intriga, e de modo algum estaria



A rainha Isabel de Inglaterra

disposto a renunciar ao seu brilhante futuro, para satisfazer os poéticos anelos da espôsa.

No íntimo, Lady Amy, pelo muito que amava o marido, reprovava absolutamente as suas desmedidas ambições, pois sabia que a Rocha Tarpeia não ficava longe do Capitólio, mas não ousava contrariá-lo, ou sequer censurá-lo. Não era êle o seu esposo, o seu amo, o seu senhor? O dever duma mulher não era, primeiro que tudo, ser obediente a seu marido, não admirar senão a êle, e, conservando-se no segundo plano, ser-lhe fiel e delicada até à morte? Não dissera o próprio S. Paulo na epístola aos efésios que as mulheres sejam sujeitas a seus maridos, como ao Senhor, porque o marido é a cabeça da mulher, assim como Cristo é a cabeça da Igreja e, bem como a Igreja é sujeita a Cristo, assim o sejam também as mulheres em tudo a seus maridos?

Contudo, os pressentimentos do coração de Amy não deixaram de se realizar. e, chegou o dia, em que a pobre espôsa viu a grandeza dos Dudley despenhada num abismo sangrento e o ferro do carrasco prestes a descer sôbre a cabeça do adorado marido.

O rei Eduardo VII morrera, deixando a corôa a sua prima Joana Grey, casada com Lord Guildford Dudley, irmão de Roberto, em prejuizo de suas irmãs Maria e Isabel, que haviam sido declaradas ilegítimas durante o reinado anterior, mas uma revolta organizada pela primogénita das princesas excluídas destronou a infeliz rainha que, após um efémero reinado de oito dias, veio, afinal a morrer no cadafalso, assim como o pai, o marido e o sogro, o dantes tão poderoso duque de Northumberland.

Lord Roberto Dudlev e seu irmão Ambrósio foram igualmente conduzidos à prisão da Tôrre, julgados e condenados à morte. Mas Amy, a terna e dedicada espôsa que o Senhor concedera a Roberto, não se deu por vencida perante a sentença. Com energia e fôrça de vontade de que ninguém a julgaria capaz, Lady Dudley enxugou as lágrimas e decidiu empregar os maiores esforcos e lutar até à última para fazer revogar o fatal mandato. Durante dias e dias, Amy rojou-se, suplicando, aos pés da cruel rainha Maria Tudor, até que, por fim, conseguiu o perdão do marido.

No entanto, as portas da sombria prisão de Estado não se abriram imediatamente para o filho do duque de Northumberland, e, durante quási um ano, todos os dias, a pobre Amy dirigia os seus passos para a fortaleza, a fim de ir aliviar um pouco com a sua presença o cativeiro

de Roberto.

Mas, apesar de tôdas estas provas de dedicação e ternura, a imagem da espôsa fôra-se, pouco a pouco, desvanecendo no coração do marido. A ambição pervertera por completo a sua índole, já de si ferozmente egoísta, e, ao notar a violenta atracção que exercia sôbre a princesa Isabel Tudor, filha de Henrique VIII, e como êle prisioneira na Tôrre, lamentou não ser ainda solteiro, ou não estar prestes a enviuvar, visto que, se assim fôsse, poderia aspirar a um enlace prin-

E, enquanto a mulher corria Londres, diligenciando obter-lhe o completo perdão, cortejava êle Isabel Tudor.

A vida é assim...

O idílio entre a princesa e o jóvem lord seguiu o seu curso natural até à data em que a rainha resolveu pôr sucessivamente ambos em liberdade.

A morte não permitiu que Maria Tudor regesse por muito tempo os destinos de Inglaterra e, em 1558, no meio de esplêndidos festejos e aclamações delirantes, a princesa Isabel era aclamada rainha.

A nova soberana não esquecera o seu antigo adorador da Tôrre. Ao ascender ao trono chamou-o logo para junto de si, e, não obstante proclamar, a todo o momento a sua pureza, não se coïbiu de manter com o belo Dudley as mais íntimas relações.

Com receio de desagradar à sua régia amiga, Roberto proïbiu a mulher de aparecer na côrte. Um mês depois da coroação, para não despertar ciumes a Isabel, ordenou-lhe num tom que não admitia réplica, que se retirasse para o castelo de Cumnor, morada do seu amigo António Foster.

Amy, como sempre, obedeceu, sem discutir, e saíu, lavada em lágrimas, dêsse palácio que era também seu, e donde a expulsava o homem que lhe devia a

No dia, em que, em vez de se refugiar em Lidcote Hall, junto de seu velho pai, e cometeu a loucura de transpor os umbrais do castelo de Cumnor, Lady Dudley, pode dizer-se, assinou a sua sentença de morte.

Entretanto, provas inequívocas da afei-

ção da soberana caíam sôbre o jovem

Sucessivamente, Robert Dudley foi nomeado estribeiro-mór, conselheiro privado e cavaleiro da Jarreteira. Generosa até à prodigalidade para com aquêle que amava, Isabel ainda lhe fez presente de esplêndidos palácios e magníficas propriedades. Em pouco tempo Lord Roberto Dudley tornou-se o mais importante personagem da côrte inglesa, enquanto que, lá longe, no solitário castelo de Cumnor, a infeliz Amy, ciente de tudo, chorava amargamente o seu amor perdido, a sua vida despedaçada.

Os cortezãos, presenciando o extraordinário valimento do favorito, não duvidaram em afirmar que, se êle fôsse solteiro, a rainha desistiria da sua resolução de não casar, e o escolheria para

marido.

A existência de Lady Dudley era o único obstáculo (diziam todos) que o impedia de se tornar príncipe consorte da Inglaterra.

E chegou o momento em que, friamente, cinicamente, calando a voz do coração para apenas ouvir a da ambição e do orgulho, Dudley decidiu suprimir êsse obstáculo, a fim de recuperar a sua liberdade.

Só a morte pode separar aquêles que Deus uniu.

O destino de Amy Dudley estava traçado. Tinha que morrer, para que o marido pudesse oferecer a sua mão à

E, uma noite, no castelo de Cumnor,

o pavoroso crime consumou-se.

Quási ao amanhecer, quando ainda a estrela de alva brilhava como um diamante solitário no veludo azul sombrio do firmamento, ouviram-se em tôda a aldeia, vincos do castelo, os gritos lancinantes de alguém que estavam assassinando. Os cães uivaram — diz a crónica. Depois, mais nada. Tudo voltou a mergulhar no silêncio.

No dia seguinte, um mensageiro tomava o caminho de Londres, a fim de ir anunciar a Lord Dudley a tristissima nova de que estava viuvo. Lady Dudley caíra duma escadaria de pedra com tanta infelicidade que tivera morte ins-

tantânea.

A verdade é que António Foster, proprietário do castelo, e Sir Ricardo Varney, escudeiro de Lord Dudley, a tinham, por ordem dêste, estrangulado, alta noite no leito, atirando, em seguida, o corpo pela escadaria abaixo, a fim de ser simulado um desastre.

E foi assim que morreu Lady Amy pobre cisne branco devorado pelos bicos

ávidos dos abutres.

É esta a história do drama, cuja recordação pesava sôbre o castelo de Cumnor.

Deus não permitiu que Dudley recebesse o prémio da sua infâmia. O monstruoso crime que cometera nenhum resultado lhe trouxe, pois jámais a rainha se decidiu a desposá-lo. Odiado e maldito por todos, Dudley acabou por morrer vítima dum veneno que destinava a outrem.

EUNICE PAULA.

### ACTUALIDADES ESTRANGEIRAS



Por ocasião da feira de Leipzig, inaugurada em 28 de Agosto, em que tomaram parte 361 casas estrangeiras, foram colocados nas ruas vários apartados de correspondência, como a nossa gravura indica



O vapor germânico «Gneisenau» no porto de Yokohama que ali levou 050 alemães residentes em Xangai e que se encontravam em grave perigo, contando-se que prossiga nesta humanitária transferência



Um aspecto das vistosas iluminações realizadas nos bairros antigos da cidade de Stuttgart por ocasião do 5.º congresso nacional dos alemães residentes no estrangeiro que obteve enorme éxito



Prova de barcos automóveis da classe dos motores auxiliares, disputada há dias em Berlim e à qual concorreram os mais abalisados competidores. Atendendo à dureza da prova cheia de emoção e imprevisto, os seus vencedores foram alvo das mais entuslásticas manifestações



O Spreewald tem aspectos curiosissimos, como a nossa gravura mostra. Pelas vias fluviais seguem barcos carregados, não de peixe, como a primeira vista parece, mas dos bons e apetitosos pepinos que constituem um manjar para êsse povo tão ponderado como original



A nadadora Schmincke, alemã, que na prova dos estudantes para o campeonato munidial de natação em Paris, saíu vencedora. Na prova de natação de costas conseguiu 100 metros no tempo de 1;25,5. A gravura apresenta a nadadora cortando a água velozmente



Na carreira dos ases trotadores realizada em Berlim-Mariendorf tomaram parte os melhores da Europa. A nossa gravura mostra o triunfador da prova, Charly Mills conduzindo o cavalo trotador «Probst» ao qual couberam, no fim de contas, as honras da disputadíssima vitória



Lady Hamilton-Quadro de Romney

UEM profundar a tristissima história de Lady Hamilton, a encantadora criadinha de taberna que chegou a ser embaixatriz da Inglaterra no reino de Nápoles, não poderá censurar as leviandades dessa estranha mulher que, a-pesar-de tôdas as suas desditas, havia de ficar na História com a auréola de divina lady.

Que mais poderia exigir-se da pobre filha dum ferreiro do condado de Flint, que, em plena cidade de Londres e em pleno século xix, foi vendida duas vezes como uma escrava nos antigos mercados orientais?

Ema Lyon - assim se chamava a desventurada rapariga - não podendo contar com a protecção do pai que mal ganhava para comer, foi procurar colocação na capital britânica. Não eram grandes as suas ambições. Analfabeta como era, deu-se por satisfeita com o lugar de criada numa taberna londrina.

Foi aí que o tenente de marinha, John Villet-Payne, a encontrou, e lhe fez as



Lady Hamilton-Quadro de Romney

#### mais sedutoras promessas. Ema, sentindo arfar-lhe no peito o anseio do primeiro amor, deixou-se conduzir docilmente por êsse homem que com tal meiguice lhe sabia segredar palavras que até então nunca ouvira. Começou o amante por ensinar-lhe as primeiras letras, acabando por torná-la mãe.

Em dado momento, como aparecesse um tal Harry Featherstonehaug a requestá-la, o Villet-Payne viu logo nessa inclinação um grande negócio, e cedeu a pobre rapariga ao apaixonado Featherstonehaug por uma elevada quantia.

Uma tal infâmia devia ter esmagado todos os nobres sentimentos da pobresita que passou a encarar a vida pela maneira que lhe pareceu mais eficaz. Não poderia continuar a ser a pomba no meio de abutres, sob pena de ser



Lady Hamilton-Quadro de Romney

devorada ingloriamente. Se o opulento Featherstonehaug a comprara sem regatear, como se duma cadela de luxo se tratasse, que continuasse a manter êsse luxo de que ela - e só ela - devia participar. E de tal maneira se conduziu numa vida de fausto e dissipação, que a enorme fortuna do ricaço se evaporava em breve como fumo de palha.

Por sua vez, Ema Lyon cintilava já no grande mundo londrino como uma estrêla de primeira grandeza.

Entretanto, Featherstonehaug, encontrando-se arruinado e sem a menor esperanca de encontrar meios de subsistência. decidiu cortar o mal pela raiz. Desfez-se dos poucos móveis que ainda lhe restavam, e foi tentar fortuna para a América. E, assim, a pobre Ema encontrou-se, em pleno inverno, sem eira nem beira, nas nevoentas ruas de Londres.

Vagueando pelas praças públicas, tra-

### Desventuras de Lady Hamilton

#### A triste causa dos seus

vou conhecimento com um charlatão que percorria a cidade, de lés-a-lés, vendendo drogas, e tão bem se entenderam os dois, que, a breve trecho, Ema passavaa ser ajudante do pelotiqueiro.

Foi nesta altura que apareceu o pintor Georges Romney a tentar a pintura mitológica, visto os retratos a que primitivamente se dedicara, não terem dado resultados apreciáveis.

Encantado com a beleza da ajudante do charlatão, contratou-a como modêlo dos seus mais belos quadros que ainda hoje deliciam os olhos dos visitantes dos museus de Londres.

A ânsia de celebridade que o pintor acalentava teve, pelo menos, a vantagem de nos deixar magníficos retratos da divina lady.

Os proventos auferidos pela jóvem como modêlo não eram, porém, tão amplos que a libertassem da vida mediocre de ajudante do charlatão.

Um dia, apareceu sir Charles Greville. membro da Câmara dos Comuns, que, deslumbrado com a beleza da jóvem, a levou consigo, mandando dar-lhe uma educação esmeradíssima. Em boa verdade, êste Greville, apesar do seu alto cargo, não fazia muita diferenca do lohn Villet-Payne, o primeiro amante da pobre Ema, que tão infamemente a vendera. Se um lhe ensinara as primeiras letras, o outro empenhava-se em ampliar tanto quanto possível essa ilustração, para melhor valorizar a mercadoria.

Ostentando toilettes riquíssimas, e exibindo as belas qualidades do seu talento que mais faziam realçar a sua beleza física, Ema Lyon tornava-se dentro em pouco a mulher mais amada de tôda Inglaterra.

Greville sente-se lisongeado com a posse dessa deusa que os próprios príncipes cubiçam. Mas, um dia, repara que uma tal vida não pode continuar, visto não ter posses para satisfazer as inconcebíveis exigências do seu ídolo. Pelo seu cérebro tenebroso passa uma idéia miserâvel. E se vendesse a amante a seu tio, sir William Hamilton, que se encontrava como embaixador da Inglaterra em Nápoles? Já por várias vezes notara que o velho diplomata sentia uma grande inclinação por Ema, e que, se recalcara no coração a sua simpatia, fôra tão sòmente para não melindrar o sobrinho.

#### esplendores e misérias

Enfim, se lord Hamilton estivese na disposição de chegar-se ao preço, poderia tornar o seu devaneio na mais bela das realidades. Conferenciando com o tio, combinou o trespasse, declarando que a ninguém mais daria a honra duma tal transação, em que, feitas bem as contas, ainda ficava prejudicado. De resto, o tio ia muito bem servido porque Ema, além de ser formosíssima, era espirituosa e cantava como um rouxinol.

Tudo isto custara muito dinheiro, podendo o tio ficar certo de que, a pagar a fazenda pelo custo, ainda tinha de acrescentar mais uns milhares de libras ao preco estabelecido.

O diplomata pagou sem discutir, e levou a linda Ema para Nápoles, onde fez

Em 1791 desposou-a para que tôdas as portas se lhe abrissem, como efectivamente aconteceu.

Lady Hamilton surgia na formosa cidade do Vesúvio como uma triunfadora. Dava recepções tão brilhantes que ofuscavam as celebradas no palácio real.

E, como se não bastasse, teve artes de captar tão profundamente a amizade da rainha Maria Carolina, que esta nada fazia sem primeiro a consultar.

Após uma existência de sete anos em que Lady Hamilton foi a mentora da soberana, apareceu o famoso almirante Nelson que, como seria de calcular, não faltou nas recepções da encantadora embaixatriz de Inglaterra.

Apesar de cego de um ôlho e maneta, o heroi impunha-se pelo seu garbo e audácia. Tinha 41 anos de idade, e sentia-se em plena pujança. Não tardou que Lady Hamilton se tornasse a amante do glorioso marinheiro. O velho diplomata, embrenhado nas intrigas políticas, não tinha tempo nem paciência para fiscalizar o seu lar. Em dado momento, decidiu-se a morrer, deixando a viuva livre de cuidados e completamente falha de recursos.

Nelson, no entanto, lá estava para suprir as dificiências. O heroi de Aboukir tinha posses bastantes. Era barão e par de Inglaterra.

Mas, dando-se a batalha de Trafalgar, em que Nelson morrera, embora ficando vencedor, lady Hamilton cafu na mais negra miséria, ladeada pelas duas filhas que

o heroi lhe deixara. Perseguida pelos crèdores, foi encarcerada por dívidas durante um ano.

Restituida à liberdade, tomou o rumo de Calais, e ali morreu miseràvelmente com a idade de 54 anos.

Essa mulher que dissipara milhões ccm uma prodigalidade de sultana, sucumbiu à míngua, roída de doenças e torturada pela feroz ingratidão humana.

Em face duma tão desventurada existência, poderá alguém culpar esta mulher que, a ter encontrado um amor sincero, viria a ser uma esposa exemplar e uma mãe amantíssima?

Foi uma dissipadora de fortunas, podendo dizer-se que nada dêste mundo a deteria na sua louca vertigem de perdulária. Foi pouco previdente, pois poderia ter amealhado para a velhice, embora gastando à larga. Foi uma mulher sem es-



John Villet-Povne, primeiro amor de Lady Hamilton

crúpulos, pois não soube respeitar o homem que tão generosamente lhe concedera a mão de espôsa, levando-a às mais altas esferas que uma ambiciosa poderia ter sonhado. Foi uma mãe desnaturada que, tendo descurado a garantia do seu futuro, esqueceu o bem-estar dos seus filhos.

Foi tudo isso, é certo.

Mas de quem foi a culpa?

Se nos tempos de inocência tanto se empenharam em pervertê-la, o que esperavam que saísse dali?

Cumpriu a missão para que fôra talhada como uma bala que não tem culpa da vida que vai aniquilar.

Lady Hamilton não teve culpa de nascer tão humilde como formosa. Se, em vez de ter sido atirada para uma sórdida taberna da babilónia londrina, fôsse prestar serviços numa casa respeitável, a coberto de todos os perigos que ameaçam sem-



HORACIO NELSON

Barao, do Milo Visconde de Melson Daque
Pronte Vice Mimirante da L'divisoo azul

pre uma jóvem formosa, ingénua, e inexperiente, seria uma interessante rapariga que, adentro da sua honestidade, havia de passar despercebida como tantas outras.

Assim, queimando as asitas da sua ingenuidade na labareda da perversidade que a rodeou, tornou-se célebre, tristemente célebre. Não se pode dizer que triunfasse, porque os seus triunfos - se assim se lhes pode chamar - foram sempre o prenúncio das maiores calamidades.

Pobre Lady Hamilton! o seu nome ainda sôa como um trinado mágico aos ouvidos da Humanidade que a censurou. depois de a ter pervertido e desgraçado com a mais espantosa das crueldades!

GOMES MONTEIRO.



Lady Hamilton - Quadro de Romney

O fiozinho da fonte

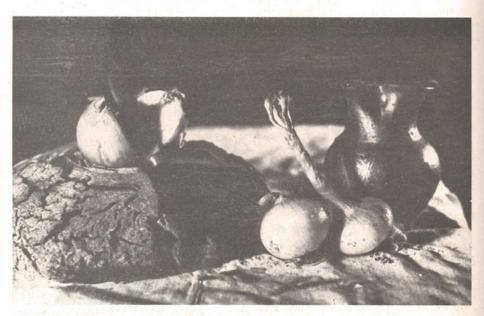


Perfil judaico

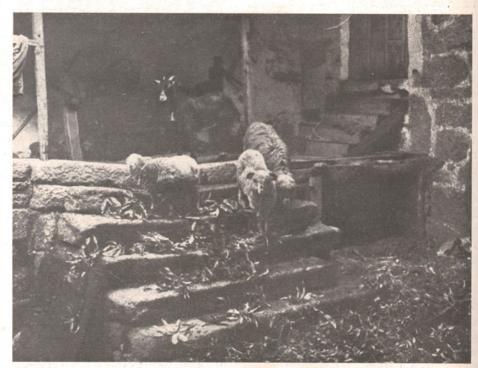


Henrique Manuel (Foto San Payo)

### FOTOGRAFIAS DE ARTE



Natureza morta



Intimidade rüstica

As quatro fotografias reproduzidas acima fazem parte da magnífica colecção de 50 que o ilustre artista Henrique Manuel expôs no «Vidago-Palace», com o mais extraordinário êxito. Não são necessários louvores para realçar a obra dêste inspirado poeta fotográfico. As suas estrofes estão à vista, ao alcance de todos, podendo até ser entendidas pelos próprios analfabetos. Vêde êsse fiozinho da fonte, tão suave, tão nítido, tão flagrante que chegamos a ter a impressão de ouvir a queda da água dentro do cântaro. Essa natureza morta é duma tal realidade, que até parece viva! E êsse perfil judaico? Como estão ali marcados todos os traços dessa raça perseguida, mas firme na sua fé inabalável! E essa intimidade rústica? Quando é que um pintor deu um tal movimento às suas telas, embora valendo-se do recurso precioso do colorido?

Henrique Manuel, em boa verdade, é um grande artista que todos devemos considerar, pois honra a sua terra. De resto, a sua fronte não engana, segundo o magistral retrato que dele nos faz o insigne San Payo. Fitando-o bem de frente, adivinha-se logo nele o artista de alto valor, isto é, «tira-se pela pinta», como o povo costuma dizer — e sempre com razão.

conhecida a atracção que tôdas as mulheres sentem pelo espelho desde o período em que largando as bonecas, ouviram o primeiro galenteio.

Ah! mas se elas pudessem fixar indelevelmente na sua memória a impressão que lhes causou o primeiro olhar concedido ao seu espelho, quebrá-lo-iam implacavelmente no dia em que êle lhes

anunciasse a primeira ruga da velhice e o primeiro cabelo branco.

Felizmente essa impressão desva-

nece-se sempre sem deixar vestígios, e, para maior segurança, os espelhos não falam ...

Ao fitar o espelho pela primeira vez, quantas ilusões radiosas perpassam na mente dessa jóvem que, ignorando a vida e tudo o que de amargo ela contém, sonha um futuro risonho como um jardim vicejante, em cujas flores perfumadas as doiradas abelhas da sua fantasia andam a preparar o mel da sua felicidade.

Esse principe encantado que, em tem-

pos idos, chegava sempre para a arrebatar na garupa dum cavalo ardente, virá agora num magnífico automóvel de boa marca, e que, à falta de um, terá cinquenta cavalos e oito cilindros.

E que lindo passeio, não através de bosques floridos, mas sôbre estradas lisas como a palma da mão, até o Estoril onde tantas jóvens a fitarão invejosas da

fica a mais ténue lembrança. Além disso, por felicidade os espelhos não falam...

E' conhecida a triste história daquela formosíssima dama vienense, citada por D'Annunzio, que, ao aperceber-se da primeira ruga, deu uma festa magnífica no seu palácio, para se mostrar aos seus admiradores em tôda a sua beleza que deveria definhar-se dentro em breve. Fez

assim a sua despedida, para que todos ficassem permanentemente com a sua imagem encantadora. De-

pois mandou fechar tôdas as portas e janelas e encerrou-se nos seus aposentos. onde nem os criados poderiam vê-la. Quebrou todos os espelhos para que não reflectissem o que muito penoso lhe seria observar - a derrocada da sua formosura.

E assim viveu, anos e anos, prisioneira do tempo, como um fruto apodrecendo, a pouco e pouco, na escuridão duma velha despensa que olhos humanos não po-

deriam devassar.

Ainda não há muitos anos, uma muito ilustre dama que morreu centenária, tendo sido uma das mais prodigiosas belezas do seu tempo, ordenou que, após a sua morte, lhe cobrissem o rosto com um pano preto, devendo êste ser cosido com todo o cuidado, como se fôsse uma máscara impenetrável.

A ilustre dama não queria exibir ante os olhares de quem lhe velasse o cadáver, os horrorosos estragos da velhice.

Que amaríssimas lágrimas essa velhinha teria vertido diante do seu espelho, que em tempos distantes lhe mostrara a beleza em tôda a sua gloriosa pujança, e que naquêles tristes momentos, lhe apresentava apenas um doloroso conjunto de rugas e de achaques!

Mas, se ela pudesse recordar-se da impressão que o seu espelho lhe deixou quando o fitou pela primeira vez, as suas lágrimas, então, de amargas, passariam a ser corrosivas.

Não se pense que estas revelações podem causar tristeza a qualquer jóvem que as leia. Não. Por mais que lhe matraqueassem esta triste verdade, não a enten-

Se a avòzinha, cansada e desiludida, de olhos enxutos por não ter mais lágrimas para chorar, disser á neta o que lhe vai na alma, a rapariga sorri indiferente como se estivesse a coberto do inexorável insulto do tempo.

Mas, um dia, quando sentir alcachinar o dôrso airoso, é que compreenderá com infinita mágoa, o que a pobre ancia tantas e tantas vezes lhe dissera: - "Ah! minha filha, como é triste envelhecer!"

Recordará o seu passado que, tendo sido um jardim viçoso, está transformado num cemitério abandonado. Mais tristes que as folhas sêcas que os sôpros outonais arrancam cruelmente, as suas ilusões ruirão também para não mais rever-

Se pudesse recordar a impressão que o seu primeiro olhar ao espelho lhe deixou, que grande desgraça!

Felizmente os espelhos não falam...

ventura.

vez ao espelho.

sua beleza, das suas toilettes, da sua

espírito de tôdas as raparigas no mo-

mento em que se fitaram pela primeira

Se elas pudessem reter, firme e inapa-

Mas o tempo, por compensação cari-

gável, essa impressão, quão desventura-

dosa, tem o condão de fazer evaporar os

das seriam no dia fatal das desilusões.

Tudo isso passará em turbilhão pelo



O primeiro olhar ao espelho - Quadro de J. A. Muenier



O bivaque antes da batalha — desenho de R. Caton Woodwilte

M 1810 a Inglaterra era a nação da Europa que mais afligia Napoleão Bonaparte. A esquadra francesa havia sido destruída em Aboukir pelo terrível Nelson que, sete anos depois, deveria morrer na batalha naval de Trafalgar, tendo ficado vencedor!

A Inglaterra continuava a ser a Senhora dos Mares. Foi então que Napoleão, impossibilitado de invadir êste país engendrou o bloqueio continental que teria por fim asfixiar o comércio e a indústria britânicos.

Portugal, fiel aos seus compromissos, mantinha a sua aliança com a Inglaterra, abrindo-lhe os seus portos.

Daí a invasão das hostes napoleónicas, tanto mais que o domínio francês em Espanha não poderia manter-se, visto recear-se a intervenção britânica que surgiria necessàriamente das bandas de Portugal.

Vencido Junot e vencido Soult, Na-



A carga à baloneta — frogmento dama gravura inglesa da época

poleão teve uns momentos de desânimo. Após tantas e gloriosas batalhas de que saíra vitorioso, havia de sofrer resignado as derrotas que Portugal lhe infligia?

Não. Portugal havia de ser conquistado, fôsse como fôsse. E, assim, o ambicioso corso preparou a terceira invasão, cujo comando entregou ao seu querido general Massena que era considerado o "Anjo da Vitória».

Entretanto, Wellington, arvorado em generalíssimo das tropas anglo-portuguesas, previa tão nitidamente os manejos napoleónicos, que ordenou a construção das linhas de Torres Vedras.

Segundo a opinião dos grandes técnicos, "a defesa de Portugal organizada
por Wellington em 1810, foi uma defesa
clássica no género das campanhas defensivas e que a história militar regista a
par da campanha defensiva de Barclay
de Tolly na Rússia em 1812, a qual foi
imitação da primeira.

Fix, referindo-se às campanhas defenfensivas, diz:

"Quando um general opera fóra do seu país, como Wellington em Portugal, ou quando a população se encontra fanatizada como a de Espanha em 1808, ou, finalmente, quando um país é pobre e pouco povoado como era a Rússia em 1812, realiza-se a devastação sistemática do território, à medida que se vai retirando do inimigo. Queimam-se as casas e as povoações, destroem-se as colheitas e transporta-se as populações para longe do teatro das operações, formando-se assim um verdadeiro deserto adiante do exército invasor...

"O exército defensor procura sustar os progressos do inimigo apoiando-se nas linhas de defesa, ou nas praças, envidando sempre todos os esforços para fatigar e enfraquecer o inimigo, quer pelos combates da guarda de retaguarda, quer pela defesa indirecta; e oferece a batalha quando se estabelecer o equilíbrio entre os dois exércitos, ou suspende a marcha consurou o forços Crawfurd No entanto.

do inimigo por uma resistência passiva, o pondo-lhe uma barreira de pontos fortificados».

Napoleão, ao organizar a terceira invas ão, formulara o seguinte plano: Massena, saindo de Salamanca, invadiria Portugal pelo vale do Mondego, e marcharia sôbre Lisboa; por sua vez. Soult, depois de suWELLINGTON

### A temeridade do

submeter as praças de Badajoz e Elvas, cooperaria com Massena, marchando também sôbre Lisboa, pela margem esquerda do Teio.

Tudo seria cumprido à risca, se a divisão ligeira que se estabelecera em postos avançados entre o Águeda e o Côa, sôb o comando de Crawfurd não detivesse o finneto dos invasores

Ney marchava sôbre a praça de Almeida que contava render com a mesma facilidade com que submetera Ciudad Rodrigo.

E' ainda Crawfurd que se manifesta com a sua bravura indomável, na intenção de retardar o mais possível a tomada de Almeida. Assim, afronta temerariamente o corpo de exército de Ney, sustentando um terrível combate contra dez mil homens—o dôbro das suas fôrças! Convém não esquecer que Crawfurd não tinha esperanças de ser socorrido, visto não estar nos desígnios de Wellington opôr-se à invasão na fronteira.

Embora as instruções recebidas lhe proibissem qualquer cometimento sério na margem direita do Côa, o general Crawfurd aceitou o combate de que resultou ficar a sua divisão completamente envolvida, e sofrer grandes perdas. Forçado a retirar para a margem esquerda por uma estreita ponte, expôsto aos forgos cruzados do inimigo, Crawfurd realizou verdadeiros prodígios de bravura. A passagem da ponte fez-se. O balanço dêste renhidíssimo combate deu o seguinte resultado: mortos e feridos, 44 portugueses e 200 ingleses, 28 dos quais eram oficiais. Os franceses tiveram mais de 1.000 mortos e feridos.

Apesar da sua rigidez, Wellington não censurou o fogoso Crawfurd. No entanto, numa carta que dirigiu, em 24 de Julho de 1810, a W. Pole, diz entre outras coisas:

"Posto que eu responda por êles, podeis contudo estar certo de que em nada contribuí para tal fim, havendo até positivamente proibido as loucas tentativas em que Crawfurd envolvía os seus postos avançados. Tinha-lhe até manifestado de maneira positiva o desejo de que se empenhasse em qualquer empresa na outra margem do Côa..."

E prossegue no mesmo tom:

Depois de tudo isto, permaneceu mais de duas horas na mesma posição desde que o inimigo apareceu na sua frente. Podereis dizer-me: se assim é, porque

#### CONTRA MASSENA

### general Crawfurd

não se acusa Crawfurd? Eu direi: porque, se respondo por êle, não posso acusar um homem que creio que teve em vista proceder bem, e cujo êrro é de entendimento e não de intenção. E, na verdade, devo acrescentar que ainda que os meus êrros e os dos outros também pesem gravemente sôbre mim, não é êste o modo como deve ser governado um exército qualquer......

Crawfurd, no entanto, não perde o menor ensejo de se atirar temerariamente contra o inimigo, seja qual fôr a sua fôrca e o seu número.

Quando Wellington, na crista da serra do Buçaco, dispõe em ordem de batalha as tropas anglo-lusas, Crawfurd entretem-se a escamaruçar com a guarda avançada de Reynier. Na madrugada do dia 25 de Setembro, Crawfurd vê avançar três colunas inimigas, a cuja relaguarda se erguiam densas núvens de poeira, indicando a marcha de todo o exército francês.

Crawfurd não vacila e opõe-lhe uma tão tenaz resistência que Wellington, que se achava próximo, vendo-o disposto a renovar a cêna do Côa, lhe ordenou a retirada, livrando-o assim do perigo a que se ia expôr.

Massena foi derrotado por não ter sabido conhecer a tempo a categoria de Wellington como adversário. Não conhecendo estradas portuguesas, ignorava também as fórças de que o inimigo dispunha.

No entanto, emproado na sua vaidade, contava como certa a vitória, tendo ordenado o ataque para o dia 27.

Ora, se as posições anglo-lusas estavam tão firmes que podiam ser consideradas inexpugnáveis, acometê-las seria a derrota. Isto ponderaram dois generais franceses que chegaram a comparar uma tal investida com a audácia temerária de "tentar agarrar-se um boi pelas pontas...

Seria, pois, melhor tornear o inimigo, e com a maior prudência. Todos os ataques que se fizessem às posições anglólusas resultariam nulos, senão desastrosos.

Massena, irritado com a observação que parecia pôr em jôgo a sua táctica de guerra, declarou bruscamente:

«-E' a primeira vez que Wellington parece disposto a dar batalha. Quero, portanto, aproveitar-me da ocasião...». E manteve a ordem de ataque para o

dia 27.

Ney e Reynier, prevendo o desastroso



fim que um tal capricho poderia acarretar, salientaram a conveniência de atacar no dia 26, visto os movimentos das fôrças anglo-lusas indicarem que as disposicões defensivas não estavam comoletas.

Mas o marechal Massena mostrava-se cada vez mais aferrado ao seu propósito, chegando a dizer a Reynier que o fôra consultar a Mortágua:

"—Não me convenço de que lord Wellington se arrisque a perder a sua reputação; mas se o fizer...

- Se o fizer?

"— Je le tiens, demain nous finirons la conquête du Portugal et en peu de jours je noverai le léopard.

Em boa verdade, não se compreendia



Lord Wellington - gravura de Bartolozzi

uma tal obstinação do heroi de Essling e

Ainda mal dealbava o dia 27, quando a infantaria francesa abriu fogo, do fundo do vale, contra as patrulhas de exploração do exército anglo-luso.

Contava Massena que o inimigo descesse até o vale, e então lhe mostraria os seus prodigiosos recursos de guerreiro. Queria a batalha campal em que se considerava invencível.

No entanto, Wellington, impassível na sua prudência, e impenetrável na sua fleugma, não se dignou fazer-lhe a vontade. Se Massena queria atacar que trepasse à procura do inimigo.

No mais acêso da batalha, a divisão Marchand tenta tornear a direita da divisão ligeira comandada pelo intrépido Crawfurd. Éste, colocado sóbre um rochedo, encara impávido a furiosa luta, espiando os movimentos do inimigo. Na altura própria, manda avançar dois regimentos da reserva, e dá a voz de "carregar»! Um hurrah! atroador faz suspender a marcha dos franceses, sóbre os quais se precipitam 1.800 baionetas numa verdadeira avalanche.

"A testa das colunas — diz Conceição e Sousa — é repelida sôbre a cauda, os seus flancos envolvidos e três descargas, feitas quási à queima-roupa, completam o desbarato do inimigo. Crawfurd passa então à sua perseguição. Ney, para proteger os seus, faz avançar a reserva e começa os fogos de artilharia. O trovão dos fogos adverte Crawfurd do perigo que vai correr; volta então ràpidamente para a posição primitíva».

Massena estava derrotado.



batalha do Buçaco, ferida no memorável dia 27 de Setembro de 1810 constituiu o malôgro das ambições napoleónicas sôbre Portugal.

Várias vezes se tem afirmado que Napoleão teria vencido se, em vez de enviar os seus generais, embora os mais experimentados, tivesse vindo pessoalmente. Não é bem assim. Se o côrso se decidisse a vir "afogar, por suas mãos, o leopardo inglês no Tejo», encontraria mais cedo o formidável herói que o havia



de derrotar em Wa-

É certo que, tanto Junot, como Soult, como Massena, cometeram êrros de táctica: mas quem poderia considerar-se isento de os cometer?

Wellington, sempre adentro da sua fleuma britânica, aguardava o momento próprio, sem entusiasmos nem desânimos Tendo assistido com a major calma à queda de Ciudad Rodrigo, não tinha em vista socorrer a praça de Almeida tão sèriamente ameacada. E. no entanto. com a capitulação de Almeida, Portugal começava a ser invadido. Não era intenção do generalíssimo inglês deter o inimigo na fronteira. Se Massena tinha tão ardoroso desejo de entrar em Portugal, que entrasse. Na devida altura ser-lhe-ia prestada a devida recepção.

Pode dizer-se que Massena, apesar de tôda a sua basófia, entrara em Portugal completamente às cegas.

Quem o poderia elucidar? Wellington adotara um plano terrivel que deveria surtir, nos seus selváticos meios, os melhores resultados. Á medida que os franceses avançavam, o astuto inglês retirava passivamente. levando adiante das suas fôrcas tôda a população que, obedecendo com uma abnegação

heróica à ordem da regência, abandonava os seus lares, queimava as suas habitações, devastava as suas searas, destruía as pontes e moinhos, e tudo sem indemnização de qualidade alguma! Deixavam atrás de si um verdadeiro deserto com tôdas as desolações em que o invasor deveria enfraquecer.

O próprio Massena lastimava-se nestes termos em ofício ao príncipe de Wa-

"Não marchamos senão por desertos: em parte alguma se encontra viv'alma: tudo se encontra abandonado. Os ingleses levam a sua barbaridade até o ponto de mandar fuzilar os que ficam em suas casas; mulheres e crianças, tudo foge. Finalmente, em nenhum lugar se pode encontrar um guia».

Ferida a batalha do Buçaco, em que 29.065 portugueses e 24.000 ingleses defrontaram 66,000 franceses, Massena perdeu, entre mortos e feridos, cêrca de 2.500 homens, ao passo que as baixas portuguesas foram apenas de 578 e os ingleses de 560. A bravura dos nos-

sos foi reconhecida pelo próprio Mas-

### A BATALHADO BUÇACO

### CONSIDERAÇÕESSOBRE A TÁCTICA DE WELINGTON

sena que, nas suas memórias, ao narrar a campanha de 1810, diz assim:

"A maior parte dos regimentos portugueses era composta de recrutas na proporção de quatro quintos; mas o soldado português, inteligente, sóbrio e infatigável nas marchas como é, sendo bem comandado e disciplinado, não só podia igualar o inglês, mas até excedê-lou.

Dizem os técnicos que "se Massena mesmo depois de tôdas as contrariedades. atacasse as linhas de Tôrres Vedras, logo que chegou defronte das mesmas, teria tôda a probabilidade de transpor o obstáculo da 1.ª linha, e atacar a 2.ª, porque Wellington com a sua retirada precipitada, não conseguira guarnecer tôdas as obras, nem ocupar todos os pontos. Salientam ainda que havia espaços sem defeza por onde a entrada dos franceses seria fácil, embora os seus esfôrços se aniquilassem de encontro à 2.ª linha».

Afinal, isto só prova a magnífica táctica de Wellington.

Dizem ainda os técnicos que "a ideia de Napoleão, para deixar o exército aliado confinado na península de Tôrres Vedras, A les de Baraco gleses à inacção, haviam de abandonar as linhas para levar a guerra a outros pontos...

ção desta excelente ideia de Napoleão demandava uma base de aprovisionamentos. cuja falta, provocada pela táctica destruïdora de Wellington, havia de causar a ruïna do exército de Massena, e mais tarde, a dos outros corpos franceses na

Wellington que prevalece.

fortificara Almada,,

não dispunha de equipagens de pontes,

era excelente, visto que, reduzidos os in-

Mas reconhecem também que a realiza-

Como se verifica é sempre a acção de

No entanto, os técnicos persistem em afirmar que "se em harmonia com o plano de Napoleão, a cooperação de Soult fôsse efectiva, se êste marechal tivesse submetido Badajoz ao mesmo tempo que capitulava Almeida, marchando em seguida sôbre Lisboa pelas margens do Tejo, era provável que o resultado da campanha fôsse favorável aos franceses. tanto mais que Wellington, apesar das instâncias do govêrno português, não

Esquecem os técnicos que Massena

e Soult via-se na impossibilidade de as transportar, ao passo

que Wellington podia manobrar em qualquer das margens do Tejo.

Quando se diz que Massena teria dominado Lisboa se tivesse alcancado as alturas de Almada, não deve deixar de se acrescentar no mesmo tom, para não perder o sabor, que o marechal francês teria ganho a guerra... se não tivesse sido derrotado!

Wellington, tendo elaborado o seu plano, cumpriu-o absolutamente. Os vários desastres que poderiam surgir, segundo a opinião dos vários técnicos que viram a batalha à distância de muitos anos decorridos, estavam previstos pelo astuto generalissimo inglês.

Sabia êste melhor que ninguém o desastre que constituïria a chegada das tropas francesas a Almada. Em primeiro lugar, a esquadra inglesa seria forçada a abandonar o porto de Lisboa; em segundo lugar, se o Alentejo caísse em poder das tropas de Massena, os habitantes da Beira e da Estremadura que haviam entrado em Lisboa, em número de 250 mil homens, seriam obrigados a permanecer na capital, onde a fome, a miséria e as epidemias que sempre aparecem nêstes casos os aniquilariam por completo, visto os recursos de Lisboa e os que a Inglaterra poderia ceder serem insuficientes para a manutenção de tanta

Mas Almada não foi ocupada por Massena, e o Alentejo manteve-se livre.

Wellington confiava na eficácia das linhas de Tôrres Vedras que tão discretamente mandara construir.

> Robinson, referindo-se à ignorância de Massena àcêrca das linhas de Tôrres Vedras, salienta:

> "O segrêdo com que foi levada a efeito a construção das linhas, parece quási inexplicável, e diz muito a favor do patriotismo dos portugueses, sem o qual nem mesmo a pena de morte, suspensa sôbre todo aquele que comunicasse com o inimigo, poderia ter evitado que os franceses tivessem algum conhecimento do que se fazia no campo dos aliados,..

Se Wellington não fortificou a margem esquerda do Tejo, apesar das instâncias do govêrno português, é porque não havia chegado ainda o momento próprio.

Dois meses depois da batalha do Buçaco, sendo prevenido do aparecimento de franceses nas fronteiras do Alentejo, tomou as devidas precauções contra uma nova invasão por êsse ponto. Tratou logo de levantar fortificações para formar um campo entrincheirado nesta margem. cujo centro era o monte de Caparica, apoiando-se a direita nos rochedos

escarpados da Ra-



poseira, e a esquerda nas alturas de Murtela. Desassete grandes redutos foram construidos nesse perímetro, além de grande número de lunetas e flechas. sendo o castelo de Almada reparado e fortemente artilhado. E, como se não bastasse, Wellington mandou construir uma nova linha de defesa, desde Aldeia Galega até Setúbal. Wellington tudo previra. Tendo na sua mão a península setubalense, evitava o maior perigo para a navegação do Tejo.

Não alardeou o seu plano, nem se deu ares de grande cabo de guerra que se apresentasse coberto de louros e títulos pomposos. Friamente poz-se a executar o seu plano com o maior segrêdo, pois dêle dependia o êxito.

E, assim, atingiu, o fim desejado, como seria de esperar. Massena foi derrotado como qualquer outro dos marechais napoleónicos que tivesse vindo.

Napoleão encontrára, finalmente, quem o ofuscasse. Portanto, estamos convencidos de que se, em vez de mandar, tivesse vindo, teria encontrado mais cedo o herói que o havia de esmagar em





### VIAGENS NOSSA TERRA



auto, que vai conduzir-nos a Seia, lança o seu alarme... Em breve comecamos des-

cendo para o Mondego.

A païsagem é amena, tôda em tons brandos. As penedias aformoseiam-se com o veludo dos musgos. A aragem é tépida, embalsamada de eflúvios, - emanações das leivas, frescura das águas e perfumes silvestres.

E a música das aves, em doces requebros, está pedindo letra de Tomás Ribeiro, que há meio século por aqui andou, rimando os seus gorgeios.

Junto à ponte, uma pastorinha pressurosamente aqueiva o gado, à passagem do auto. Ouço-a cantar:

> Eu no céu tenho uma estrêla. Na terra uma sombra - a dor. Diz-me o rio que sou bela. Teima que não cada flor.

Não tem sabor popular a cantiga. E se fôsse do Poeta?...

E subindo já, o ar é mais límpido, mais leve - fortalece e alegra. E o rio tem mais beleza; das encostas, braços verdes do arvoredo lançam bênçãos.

O optimismo penetra em nosso espírito. Vale a pena o esfôrço de viver!

O homem é afinal o rei da criação. É para nós que o sol amadura nas videiras os cachos e aloira os milhos... É para nós que nas hortas trabalha o regueiro cantante! Deus para Adão criou Céu e Terra: - as estrêlas, os ninhos, os pomares e os rebanhos...

Já passamos Carvalhal da Loiça. Á porta duma taberna, Sileno - é o próprio Sileno, grosso, rubicundo, barbeadoreforca-nos de vinho. E debaixo do parreiral, com o seuvarapau

ferrado, botas de duas solas, jaqueta ao ombro, camisa aberta, riso grego em semblante romano, é Baco, môço, olimpicamente belo. o freguês da locanda que vai na terceira canada...

Basílio, o enamorado, que desde Nelas - há um século! - não mais telegrafou lamenta que não venha também por aqui tomar a sua pinga Mercúrio, o alado mensageiro.

Mas entra no auto uma viçosa rapariga, còrada, fresca, loiros cabelos, bôca de desejo, olhar de graca e malícia, amparando à cinta, que o chaîle mal oculta. um cântaro novo de barro vermelho... David pregunta se será Vénus.

E antes de Vila Chã, numa volta do caminho, um barbaçudo ameaça, faz parar o carro, obriga a deusa a descer. E diante de si a vai levando, côxo e disforme, feroz e ridículo!

Assim Vulcano compeliu Citherêa, sua volúvel consorte, a partilhar nêsse dia o cruel leito da sua lôbrega caverna...

Percorridos, desde Nelas, 23 quilómetros, topamos Seia, na encosta de um contraforte da Estrêla, a 532 metros acima do nível do mar, dominando um extenso

Quem foram os seus fundadores? Raças se atropelam no longínquo passado ...

Mas a vila, que investimos sob um sol escaldante, pelo meio dia, não ocupa precisamente o local da primitiva Seia, nem

mesmo o da românica - Castrum-Scena. Civitatum-Scena ou Oppidum-Scena.

Após as legiões do Lácio, hordas de alânos, suevos e vândalos por aqui passariam, alânica, suévica e vandàlicamente... Depois, os godos. Por fim a invasão sarracena...

Fernando o Magno, no século XI.

Caldas da Felgueira em Nelas

# Através das poéticerranias da Be

edificou o castelo de Seia, que tão largamente conta nas lutas da Reconquista. A sua volta o povoado se cerrou, laborioso e rude: em 1136 lhe deu foral D. Afonso Henriques.

A tradição, honrando a notável belicosidade dos seus habitantes, filia nestas terras os doze de Inglaterra, em quem revivem no ciclo medieval, brandindo com forte pulso a vencedora espada, os indomáveis serranos que, mil e quinhentos anos antes, varreram das cumiadas da Estrêla as lanças dos conquistadores do mundo.

E ouço a voz da lenda... Em Seia nascera Antonina -

> Antonina pequena, dos othos grandes ...

diz o rimance popular, em ingénuo re-

Um cruel édito imperial por êsse tempo se cumpria na Lusitânia - que o olhar de Deus, compassivamente, não esquecera para as glórias do martírio.

Pela muita fé se distinguia Antonina, entre tôdas as da sua criação...

E a pálida virgem, de contemplativos olhos negros, em que o celeste amor espelhava os primeiros alvores da graça, foi como uma pomba cativa, estremecendo em mãos brutais, violentas, Oh acucena do vale que um vento furioso surpreende e acoita!

Desnuda, mais esplendor irradiava o seu corpo, mais frescura aveludava a sua pele.

Sob os túmidos peitos, alvorocado, sentia-se bater seu coração.

Piedosas mulheres choravam em redor, e as crianças levantavam o seu clamor, de espanto e de dó. Só os homens passavam silenciosos, como indiferentes. apagados na submissão e no terror.

Entre legionários foi conduzida ao Cristelo, espancada e ferida, arrastada como uma novilha tenra, atónita sob o golpe.

E, tendo os romanos repelido da colina a última populaça, Antonina, atirada, exânime, sôbre o esteval, se encontrou na hórrida solidão das almas. Só poderia consolá-la Deus! Ferida de vergonha da sua nudez, fechou os olhos e o contemplou melhor.

Ao longe, os cordeirinhos do seu rebanho baliram ...

O sol descera, e na noite, antes que o luar subisse, fogueiras flamejaram.

Soldados e prostitutas riam. Cães uivavam. Antonina despertou...

Entre o fumaréu a orgia começava; ouviam-se vinhos correr, perfumados môlhos rescendiam. Beijos de perdição e cantos de lascívia embebedavam o ar.

Um moço, sem rumor, se aproximou de Antonina. A pastorinha divisou o seu rosto, temendo adivinhar, numa pávida inquietação... Ele brandamente a tocou. cobriu-a, cariciosamente a apertou nos

O luar nascia.

desmajava...

De repente, imperativo, alguém bradou: - Tragam-na! Tragam-na!

O moço estremeceu, erguendo-a. Acudiram soldados. E logo, apressando-se, a

levarám ao centurião. Acesa, a luxúria coroava a gula.

- Vêde a cristă! Vêde a cristă! E todo o acampamento respondia aos seus gemidos com cruel alarido, ebriedade, concupiscência e furor de sangue. Antonina, a bôca entreaberta, ansiante,

A Mártir foi, enfim, crucificada na Serra ao romper de alva, exposta ao sol ardente. para que as abelhas nela achassem mantimento, - nudez vestida do esplendor dos céus, nívea flor abrindo, entre fragas, dum madeiro exangue!

Numa das lagoas cimeiras, se vê ainda boiando, ao luar de Agosto, o seu núbil corpo inviolado...

Seia liga assim, por uma suave lenda. o nome das suas ternas mulheres à áspera e severa magestade da Montanha.

O sol desce ha muito. É tempo de partir; já a fresca viração convida.

Findo o jantar, charuteávamos, na loja que ocupa os baixos da estalagem que nos fez as honras de Seia, despedindo-nos da civilização, quando um padre entrou. pediu alegremente, batendo no balcão, o seu meio litro...

Fumou comnosco, fraternisámos. E logo nos decidiu, tirando-nos da tenção de seguir pela Póvoa Nova.

Para a Serra!

O Padre Alberto leva-nos a Sabugueiro. onde paroquía.

Deve andar pelos sessenta o novo companheiro, magro, falador, nervoso e ágil. um antílope dos Hermínios, com seus dôces olhos de raça.

E até alcançarmos os cimos de Seia tão curiosa é a sua figura, tão pitoresca a sua linguagem, saudado pelos rôtos,

igual por toda a humilde gente que vem ao seu encontro e ri com êle - não pensei senão nêste sacerdote origi-

tratado de

nal e cristianíssimo. Arraniáramos, entre a pêra

e o queijo, dois insignes guias. Mas, aos primeiros passos, vêmos bem a inépcia dos desajeitados vàdios. Nem as pobres alimárias, que alugaram, poderão conduzir longe os nossos agasalhos e comestíveis. Desgraçados burrinhos, sem albarda, sem cilha nem retranca! Um pipo de vinho rola. Os condutores praguejam...

Mas a tarde suavissima tão bom humor derrama, que não ha desgôsto que vin-

Foi-se Seia, engastada como uma pérola em verde esmalte, à beira do maravilhoso quadro da planura.

E subimos, transpostas as colinas do-

minantes, um largo degrau onde as culturas recomecam

Do caminho avistamos, numa quinta próxima, de branco pàra-sol, àquela hora mais adôrno que defêsa, duas senhoras novas, saltitando e correndo. Sentam-se por fim num cómoro, muito juntas. No regaço de uma, um livro aberto. Naquela atitude, tão longe do povoado, de meia de sêda e sapato de camurca, parece que vieram de propósito... para fazermos literatura!

Atacamos ingremes lombas, atravessamos pinhais, encurtamos por atalhos.

E com Basílio, o filósofo, embrenho-me em discussões profundas: o município, a fidalguia, a Idade Média!

Taine, o ponderoso Taine, ali é solênemente convocado, à raiz da grande Serra. naquêle caír da tarde, para explicar-nos o bom espírito feudal dos senhores que residem entre o povo.

E, de repente, é João Brandão que passa, cheio de ferocidade e ternura, ao lado do velho marquês de Mirabeau, que inspira respeito e terror, paternal e tirànico. .

E entramos em Aldeia da Serra. Ao



lado do caminho, na regadeira talhada em granito, a àgua abundante rumoreia E corre com uma tal pressa, que logo se vê que tem muito que fazer, muito a quem acudir, que não guarda no verão domingos nem dias santos e nunca ouviu falar nas oito horas de trabalho.

Passámos a povoação, sem nos determos quási.

Preside Aldeia da Serra, no meio de casebres de granito nú, uma casa vasta. de cómodos citadinos, castelo contemporâneo, de estuques claros e gradeamentos de ferro pintado.

Uma senhora assoma ao terraco, entre festões de rosas...

Subir!

E uma hora continuamos, de socalco em socalco, trepando ao desafio, Ganhámos a leveza e a alegria de montanhêses.

É como dum vasto escadório essa ascensão triunfal. Lá no alto nos espera a Senhora do Espinheiro. Lindo nome! Há também uma Senhora de La Salette...

Mas a nossa grande devoção é a Serra!

Vamos numa vasta esplanada, a 1094 metros de altitude. A esquerda, fica a Póvoa Velha

Subimos ainda, Avistam-se, para nordeste, as cumiadas de Santo Estêvão (1370 metros).

Fecha-se de todo a noite. Comecamos agora descendo. E o caminho de carro. rasgado há séculos na montanha, não é mais, nalguns sítios, do que um barrocal intransitável. Só o luminoso palôr do céu estrelado nos guia. Na frente, o padre Alberto e o pai loaquim Lopes can-

Adivinham-se já culturas nos refêgos dos montes. Corgas gorgolejam. Distinguem-se vultos de arvorêdo. Um cheiro de ramada de pinho no fôrno anda es-

A direita, uma indecisa mancha láctea flutua - água que bate em fragas, talvez um rio ao fundo. Um cão ladra.

E, a uma volta do caminho, fumo subindo.

- Salve-os Deus!

- Deus o salve, sr. Vigário!



GAPITO entra no quarto de Melquiades, escritor sem vintém, e encontra-o na cama em vez de levantado e disposto a correr a via sacra das redacções em busca de colaboração.

Ora esta!... Então tu ainda estás

na cama?... Sentes-te mal?!...

Não!... Estou na cama porque, precisamente, me sinto excelente!

- Mas... tu estás doido? Queres casar com uma ama de leite... e sem dote!...

- Sem dote?... Tu sabes a como está o litro de leite?...

Num compartimento de caminho de ferro viajam, há várias horas, dois pro-



to se chama o homem que tem duas mulheres?

Bigamo. E aquele que tem uma só? Mono... mono... monótomo.

fessores, igualmente lunáticos e distraídos e mergulhados, por igual, em leituras de alta sciência. Por fim, um dêles, erguendo os olhos do livro, pregunta:

-Podia fazer-me o favor de me dizer

que horas são?

- Hoje?... É quinta-feira... - res-

pondeu o outro.

Ah bem!... É mesmo nessa esta-



ção que tenho de me apear!... tornou o primeiro.

Certo padeiro comprava diàriamente meio quilo de manteiga a um tendeiro seu vizinho, mas uma vez pareceu-lhe que na manteiga havia falta de pêso e, comprovada a falta, foi denunciá-lo.

Comparecendo o tendeiro ante o juiz,

êste preguntou-lhe:

— Tem balanças na sua loja?

Sim, senhor.

─ E pêsos? - Não, senhor.

- Então, como pesava você a man-

Com meio quilo de pão que diáriamente compro ao padeiro que me denunciou; assim, se há falta de pêso, a culpa ê dêle, e não minha.

D. Leopoldina, encontrando a criada, que se despedira de sua casa na semana precedente, diz-lhe:

- Já sei que estás arrumada em casa de D. Cesarina Pereira. Nunca pensei que

E voltou à leitura interrompida.

conseguisses arranjar um bom lugar tão

dífil. A minha nova patroa, quando me

servir dois meses em casa daquela mu-

- Mamã, porque é que quási tôdas as

- Porque é nesse momento, minha fi-

O médico escrevendo o diagnóstico de

uma carcassa muito pintada e presumida:

A saída do teatro:

Mas, minha senhora, não me foi di-

Julga-se apto a tomar conta dum lugar em que tem de esatorze horas por dia metido num armazem? Se me julgo opto! Já estive oito anos prêso...

 "Dôres de cabeça, ataques biliosos, nevralgias na nuca...... Que idade tem V. Ex. ??

- Eu?... tenho vinte e quatro anos!...

O médico, continuando a escrever:

— ... perda absoluta da memória,...

Num tribunal:

O juiz, para o reu, com cara de poucos amigos:

E' a décima vez que o vejo nesse banco.

- Senhor juiz - responde o réu em tom compungido - há oito anos que vejo V. Ex.a sentado nessa cadeira, e nem pela cabeça me passa acusá-lo por isso.

Ajustando a criada:

Sobretudo, gosto das coisas feitas

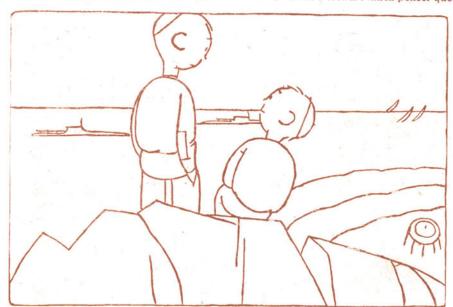
depressa e a tempo e horas.

Isso é a minha especialidade - assegurou a criada. - Na casa donde saí fazia as camas antes dos patrões se levantarem

Numa rua de Lisboa:

- Olá! por aqui? - Sim, meu caro patrício; casei-me há oito dias e vim passar a lua de mel á capital.

- E a sua mulher? Ficou no hotel, não? - A minha mulher? Essa ficou lá na terra.



Duas crianças, vendo as manobras dos submarinos:

E dizes tu que esses barquitos se metem deboixo de água ? Metem, sim... quando está a chover... para não se molharem !

### LÁ SE VAI MAIS UM...

A está êle, o nó na garganta, êste nó que me sufoca, quando eu não posso chorar a minha dor.

Cá está, a marcar mais uma bola negra, na tabela do meu destino, no sacrário das minhas afeições.

Lá se foi mais um justo, mais um valente, mais um amigo sincero.

Quando hoje abri um jornal deu-me

um baque no coração.

Saltou-me logo à vista o retrato do grande general que conheci, em tempos infelizes e trágicos, o general Garcia

Como eu sofri, quando li a notícia da sua morte!

Quando cheguei da guerra - eu posso dizer que estive na guerra - trazia dois nomes comigo: o do meu Stélio que ficara num cemitério de Liége e o do general ilustre, agora desaparecido, que tão bom foi para a minha alma esfarrapada, e para o meu Marcelo - o soldadinho amador, sempre de barretina militar, e o peito carregado de botões de fardas e recordações da batalha do nove de Abril, que portugueses e aliados lhe davam.

Eu é que sei quanta bondade existia, no peito heróico onde agora o coração parou - êsse coração compassivo e atento, que o tornou o ídolo dos seus soldados, mas um ídolo de verdade, eleito por aclamação.

Eu é que o sei bem, porque vi. Eu posso afirmar que êle não era só um chefe para os seus soldados. Era também um pai extremoso, que à disciplina juntava o carinho.

Sabe tôda a gente — o Diário de Lisboa e o Diário de Notícias não há muito disso falaram - sabe tôda a gente que eu fui enfermeira dos prisioneiros do 9 de Abril, num hospital de Liége, o da Academia, que os recolheu devotadamente.

Pois o meu espanto foi grande, quando ao tratar dos nossos soldados, vi que todos tinham debaixo da almofada um retratinho do general Garcia Rosado.

E dêle me falavam com uma espécie de adoração e quási fanatismo.

Parece-me estar ainda a ouvi-los briosos rapazes que, de olhos postos no altar da Pátria, ofereciam o melhor da sua vida, seguindo o seu grande comandante.

"Aquilo é um verdadeiro chefe e tão bom para a tropa, tão bom, que até dava gôsto andar na guerra, com um patrão assim". Diziam alguns, na sua linguagem sincera e chã, com aquela almazinha aberta, sã e verdadeira da gente do povo, "que nada espera, pouco recebe e tudo dá...," esta gente portuguesa que sabe cantar assim a sua terra:

> No céu há uma janelinha, Vê-se Portugal por ela. Quando Deus se sente triste, Vai sentar-se junto d'ela.

E, já agora, aproveito o ensejo, que é ao mesmo tempo ainda um preito ao brioso militar que tanto honrou o exército do seu país, para entrar no côro de protestos que os jornais da nossa terra levantaram contra êsse inglês que se gaba, num livro, de ter assassinado muitos homens.

Não duvido que nas suas vítimas haja alguns portugueses.

Mas que fôsse, como êle diz, por fugirem do campo da batalha, é que é uma refinada mentira.

Oficiais distintos, como tem o exército português, que os não há melhores em nenhum exército do mundo, não podem guiar poltrões, só valentes, como êles, que são o vivo exemplo da coragem, e da audácia lusa.

E ainda há mais argumentos para desmentir êsse autor, que ou é um acabado facínora ou então um ávido.

Se fugissem, como êle diz, não tinham as enfermarias belgas recebido tantos farrapos humanos, vindos dos cativeiros do inimigo.

Os portugueses preferem a honra de morrer lutando, às comodidades que a fuga lhes daria.

Eu não ouvi a êsses mártires do dever uma queixa sequer, e sofriam em silêncio as suas dôres.

E se foram vencidos, não foi pela maior valentia ou coragem dos outros, foi pela fôrça do número apenas.

O próprio inimigo reconheceu o arreganho, a fúria heróica com que os nossos "serranos, lhe fizeram frente.

Uma derrota destas vale mais do que a vitória de muitos que atacam um só antagonista.

É por isso que o 9 de Abril há-de ser sempre a pedra branca que lembra uma contenda em que o prémio do valor coube ao vencido.

Escusam de se cansar, os caluniadores, porque não conseguem apagar as vitórias de Portugal e dá-lo como cobarde.

Felizmente que êsses são poucos e tão inferiores e tão mediocremente inteligentes nos seus debates, que ninguém os acredita.

Os portugueses podem ser brigões, estouvados, pegar-se de razões, nem sempre com razão, uns com os outros, em família, mas falem-lhes na Pátria e verão como todos se põem de acordo, esquecendo rixas antigas, só pensando em defendê-la, se a atacam, em honrà-la, se são chamados a entrar num prélio em território estrangeiro.

Não, que o portuguesinho quer muito ao seu torrão natal. Podem dar-lhe piadas, arrelia-lo com remoques, às vezes só para fazer espírito.

Mas atreva-se um estranho a querer denegri-lo, e logo êle se levanta, indi-



General Garcia Rosado

gnado, a desafrontar a sua terrinha, que a não há mais linda, nem mais digna de respeito.

O general Garcia Rosado era um espoente máximo da lealdade e da bravura.

Quando chegou a Paris, depois do armistício e depois do repatriamento dos prisioneiros, vi também, nas cantinas de todos os quartéis onde havia soldados portugueses, o retrato do brioso chefe do C. E. P.

Aqui podia ser apenas uma questão de preito obrigatório, de inferior a superior.

Mas não era só isso, porque os que ali aquartelavam tinham as mesmas referências carinhosas para com o seu ge-

Eu creio que nêsses retratos que os doentes guardavam tão preciosamente havia alguns que êles recortaram de jor-

O que posso afirmar é que neste côro de bençãos não havia uma voz discordante, e tenho imenso prazer em pôr mais esta pedra no monumento de saüdade que se ergue hoje em cada peito português.

Morreu o general Garcia Rosado!

É mais um que se vai... Mas, se pensarmos bem, foi encontrar-se com os grandes herois da nossa História, e dar-lhes parte de que Portugal é hoje, mais do que nunca, uma Pátria que se orgulha de si mesma.

MERCEDES BLASCO.



aquela que lhe dava sorrisos e fé - es-

Pobre dêle, que blasfemava, e era mau

Parecia uma criança, o senhor doutor

grave e sisudo, a correr com o filho pelas

casas, sem se deter mais que breves mi-

nutos em qualquer lado, a saltitar, a gar-

rular como êle, num arremêdo gentil à

criança linda que se lhe agarrava às per-

nas, a falar na mesma linguagem para

melhor se entenderem, para melhor êle

ser o papá querido daquêle bébé adorado...

mento de roupa capaz de arreliar e fazer

rir até às lágrimas a mamã - se ela pu-

desse vêr aquêles preparos - a maleta

dos remédios preparada e tudo estava

Então o médico parou; pegou-lhe ao

colo, encostou o rosto ardente à cabeleira

acariciadora do filhinho, a refrescar-se no

aveludado das facesitas róseas e sãs, e

esconder-nos do mundo, meu amor...

o teu papá vai viver agora só para o

bébé... para êle só... - que lá não há

automóveis, nem telefones, nem muita

gente, nem luxo, nem maldades... E' uma

aldeia pequenina, escondida entre grandes

serras que, à noite parecem feios papões.

a meterem mêdo a meninos maus... Mas

tu não terás nunca receio, que lá está o

teu papá, só teu, para te livrar e guardar

de tudo... de tudo, dos maus e dos bons,

para viver sempre bem pertinho de ti,

E cobria de beijos fervorosos as covi-

nhas rosadas e polpudas das mãos que

lhe vinham afagar as rugas precoces, e

beijando-as, era como se revivessem umas

outras mãos esguias e delicadas que, um

dia, se abandonaram aos seus lábios se-

e ridente felicidade, mas quando, horas

depois, num pesado e ronceiro vagão do

combóio, partia para a pequena aldeia,

no fundo de serras que à noite pareciam papões, voltára a ter o seu rosto grave e

taciturno, de médico atribulado e pungido

lam alegres decorrendo os dias para o

pai e para o filho, em correrias através

dos campos, num júbilo prazenteiro e

O bébé arranjára companheiro - com-

panheira aliás - uma garota da mesma

idade, uma gorduchinha de olhos escuros.

vivos, saloïta rechonchuda e engraçada

que ficava bem ao lado do esbelto me-

nino da cidade, que se entretinha a pa-

sempre por eternos sofrimentos.

Então, inebriava-se na sua momentânea

quiosos de ventura.

meu filho, meu lindo bébé loirinho!

- Vamos fugir, meu bem... Vamos

pronto para a viagem.

O petiz sorria...

confidenciou, alegremente.

A última mala fechada, num entrouxa-

perança e amor?!

seu primeiro filho, o seu único filho—aquêle que todo o seu amor —a linda e santa mulherzinha que Deus lhe déra, para tão depressa lha levar — lhe legára ao passar-se para vida melhor, confiando o botãozinho de carne palpitante àquele por quem se finava duas vezes — na saüdade e no sofirimento — o seu pequenino mundo de ternura e adoração — era um encanto, um mimo — um raio de sol em perfumes de suavidade angélica!

E êle gostava — só então se lhe desanuviava a fronte jóvem e já encanecida de se sentar em horas vagas de ocupações absorventes e balsâmicas para a recordação, a rir quando ria a boquinha minúscula e rosada, a mirar-se, a revêr-se nesses olhos puríssimos e luminosamente verdes, onde às vezes lhe parecia sentir ainda a alma que legára ao pequenino ser, tôda a beleza e tôda a vida.

Beijava-o, beijava-o em paroxismos de loucura, aperlando-o ao peito com delírio, e, às vezes, quando despertava do seu arrebatamento, era para esconder o rosto enérgico entre as mãos, e chorar, chorar como a mais débii mulher, mas mais violenta, mais desesperadamente, em choro que lhe fazia mal, que lhe punha fel nos lábios e no que lhe dava ensejo de blasfemar, de ser mau, até... como se o demónio lhe gerasse aquelas lágrimas venerosas!

Pobre médico!

De que lhe servira o saber que todos



### O MÉDICO E O DEVER

privilegiado não lhe soubéra e na sinar a maneira de reter na vida

paguear com êle conversas indecifráveis, tão indecifráveis como os cantos das avezinhas suas irmãs, a garrularem no arvoredo...

E de todos os felizes dias ali vividos

E de todos os felizes dias ali vividos, havia sido sem dúvida aquêle, o mais feliz, o mais alegre, o mais esplendoroso para um papá que andára a correr por entre os pinhais com um bébé e um amigo do seu bébé aos ombros, a brincar, descuidado e radiante, sem vêr a nuvem negra que ia avançando no céu tumultuoso da sua vida açoitada pelas tempestades da dôr.

O bébé risonho, o bébé tranquilo—que ali estava o seu papá para o guardar de tudo— de tudo... O bébé deitado na caminha fresca, adormeceu calmamente como um anjinho do Senhor, e o pai verificando mais uma vez a segurança do filhinho, foi deitar-se na cama do quarto contíguo, cuja porta aberta lhe deixava perceber os mínimos ruídos vindos da alcôva da crianca.

Rodavam lentos, seguros, os ponteiros do relógio que o tempo fazia mover...

O médico acordou sobressaltado, desperto por um ruído estranho, como que um gorgolejar aflitivo que vinha do quarto do lado.

Estremunhado ergueu-se, apurou o ouvido, perplexo, e logo, dum assustado salto se ergueu, riscando lesto um fósforo e correndo para o quartinho do filho, foi imobilizar-se junto do leito. Bébé estava acordado, olhos desmedidamente abertos, mãos enclavinhadas, contorcidas, e a bôca escancarada, deixava sair êsse silvo apavorante que ia direito ao coração do pobre paí.

Foi tão grande a angústia que o empolgou, que o fósforo se extinguiu sem que êle se movesse do mesmo sítio, despedacado sôb o pêso da esmagadora fatalidade.

Esse filho, ainda há tão poucas horas, alegre e cheio de vida, estava ali, prêsa da terrivel difteria—o aterrador fantasma que dementa os pais, — o garrotilho!

Podia lá ser!

Ah! podia! podia! porque continuava e cada vez mais opressa a respiração da criança enferma, cujas mãozinhas iam confiantemente dantes, e agora, num desespêro inconsciente, buscar as do pai, dêsse pai que o livraria de tudo, de tudo!

Finalmente, recuperou as suas facul-

Acendeu um candieiro de petróleo e correu a buscar a maleta dos remédios. Abriu-a.

— Um rótulo... um só sôro! Que imprudência! Mas podia lá prevêr esta catástrofe! E se se quebrasse o tubo? O' meu filho!

Começou a arranjar a seringa, a dispôr tudo para prestar ao filhinho os primeiros socorros, quando a aldraba da porta soou com desusado estrépito.

O médico estremeceu. Não podia perder tempo agora, que êle era a vida do seu bébé. Mas as pancadas repetiram-se mais insistentes, violentas, tão aflitivas, que êle julgou ouvir nelas um apêlo ao coração amantíssimo.

Quando ia começar a descer a pequena escada mal segura que conduzia ao andar inferior, já porta fôra aberta, decerto pela criada desperta em sobressalto, e subia ao seu encontro uma pobre mulher envolta num velho chaile, o qual êle imediatamente reconheceu.

Era a mãe do bébé gorducho que horas antes brincava com o seu filho agonizante.

Extático, viu a infeliz lançar-se-lhe aos pés, abraçando-lhos com delírio, a soluçar.

—Senhor! Senhor! Senhor doutor! Salve-me a minha filhinha! Salve-ma, senhor doutor! Tenha piedade!

O tubo de prata e o do sôro tremiam nas mãos do médico que dominava a sua própria dôr para tranquilisar aquela pobre mãe desvairada.

-Sossegue, mulher! Que tem a sua filha?

- Garrotilho! Garrotilho! Não pode respirar! Salve-ma, senhor doutor!

O médico foi sacudido por um brusco estremeção dos pés à cabeça e repeliu quási com fúria a desditosa mãe que lhe prendia os movimentos e continuava a implorar.

- Piedade! Salve a minha filhinha!

— Cale-se, mulher! Que me importa a sua filha? Também o meu filho está atacado! Só dêle posso tratar! Ou julgava que ia deixar morrer o meu bébé louro para salvar o seu!? Que môrra, môrra, mas que se salve o meu! — gritou num selvático gesto.

A infeliz ergueu-se, pálida, arquejante, sem fôrças para pedir a vida para o filho àquêle homem que sabia o que era amar. Viu o médico inclinar-se sôbre o leito do doentinho e então, soltando um dilacerado brado rolou pelas escadas abaixo...

— E depois? — inquiri com susto, a suster as lágrimas rebeldes — Como acabou essa triste história?

- Mais tristemente ainda! Quando a





pobre mulher voltou a si, sua filha gorduchinha voltava a sorrir alegre e descuidada como antes daquela horrível doença a ter atacado... Mas um caixãozinho branco, diminuto, coberto de rosas por uma mãe alanciada de remorsos e louca de alegria, desceu ao fundo do coval triste que ia guardar avaro o pobrebébé lourinho...

Soluçava.

O meu pobre amigo, na manhã se-

guinte, tinha a cabeça completamente branca... Envelhecera tôda a vida? Dias depois, encontraram-no morto sôbre a campa do filho.

- Suicídio?

- Não! Clemência divina!

Pobre médico! Pobre pai!
Pobre martir!

Era um eleito de Deus! Está no céu
com o seu lindo bébé lourinho!

ODETTE PASSOS DE SAINT-MAURICE.

ESTA época de praias é verdadeiramente encantador vêr bandos de criancinhas, esvoaçando sôbre a areia ou chapinhando à beira mar numa delícia paradisíaca. Tempo houve em que só aos filhos dos ricos era dado êsse prazer, atendendo a que os pais dos pobres não podiam deslocar-se por falta de meios e ainda porque não podiam

perder tempo, tão exíguo era o salário auferido para o pão de cada dia.

Para aquêles que se mostram generosos à luz fulgurante duma tão ôca quão encomiástica publicidade, para êsses não vai o nosso preito de homenagem, porque já o devem ter recebido por parte dos números leitores das gazetas. Dissertando sôbre a esmola, dizia um

Dissertando sôbre a esmola, dizia um velho patriarca duma aldeia trasmontana que a ninguém tinha que dar satisfação dia, quando essas almas compareçam perante Deus, para o devido saldo de contas, Deus lhes dirá: — E' certo que fizeste bem, mas como foi feito alarde em volta da tua boa acção para que todos os que o soubessem te rendessem os louvores desejados pela tua vaidade, deves dar-te por suficientemente recompensado. Nada tens a receber, portanto.

Tinha razão o íntegro patriarca trasmontano. Assim viveu e assim morreu sem ter mostrado

nunca uma parcela que fôsse do livro "Caixa", da sua generosidade. Lá no ceu, para onde deve ter ido direitinho, as suas contas foram saldadas por uma comissão liquidatária que Deus nomeou entre os seus anjos.

Bem hajam, pois tôdas as boas almas que se empenham a fazer o bem sem rèclamo!

Ao vermos essas criancinhas pobres, chilreando alegres como pardalitos, através da areia, bendizemos os seus benfeitores anónimos, mas só os anónimos.

Também, atendendo a que êsses pequeninos entes ainda não sabem lêr o suficiente para pegar em jornais, os nomes dos seus benfeitores não chegaria a êles, por maiores que fôssem a letras em que viessem publicados.

### ANJOS NA PRAIA

Hoje — valha-nos isso — já não sucede assim. Encontramos nas praias criancinhas pobres, graças à generosidade de quem contribui para a benemérita iniciativa das colónias balneares infantis.

Em face disto, temos de reconhecer que a humanidade ainda não está tão má como para aí se apregoa, a cada passo. Ainda há almas generosas que sem o mais leve intuito de ostentação, auxiliam, tanto quanto lhes é possível, as criancianhas desprotegidas.

E' claro que apenas nos referimos aos beneméritos anónimos que não querem vêr o seu nome incensado nas colunas dos jornais, e cumprem o salutar preceito que manda fazer o bem "sem que a mão direita saiba o que faz a esquerda". das suas acções generosas, senão a Deus. Do muito que dava, falava-se de vez em quando, por indiscreção dos beneficiados. Mas logo o velho patriarca declarava que devia haver engano, pois não se recordava de ter dado fôsse o que fôsse a tal ou tal família necessitada, mesmo porque ignorava a sua aflitíssima situação.

E voltava, como sempre, à sua catequese:

— Que terão as almas caridosas que alardear o bem que fazem?

Por estarem dentro do princípio que nos indica que "quem dá aos pobres empresta a Deus<sub>"</sub>? Seja assim. Mas, um

O banho dos anjos - Gravura de Bartolozzi



### FIGURAS E FACTOS



Homem Cristo, o terrível polemista, prossegue infatigavelmente as suas «Notas da minha vida e do meu tempo». É já o 5.º volume. Esta obra, além do seu brilho literário, tem o raro valor de conter preciosos elementos para a História que deve ser imparcial, inexorável e justiceira



Luiz Teixeira acaba de publicar, uma elegante plaquette, Figuras e episósios do «Leão de Ouro» — legenda literária que pronunciou na noite de evocação dêste glorioso estabelecimento. Meia dúzia de páginas que nos deliciaram a alma



José Luiz Ribeiro, o professor poeta publicou num elegante volume a biografia de João Maía — um desbravador de cérebros — o saudoso pedagogo que durante 37 anos exerceu as suas beneméritas funções na Escola Central n.º 1. Encantadora leitura que nos fez ter saüdades dos tempos idos!



As festas da Nossa Senhora do Rosásio, padroeira dos pescadores, na Costa da Caparica, revestiram o maior brilhantismo e imponência. Há anos que não se realizavam, devido à pesca ter sido pouco rendosa. Daí talvez o entusiasmo obtido. A nossa gravura apresenta o tradicional andor de S. Pedro, com os pescadores, seguindo procissão triunfal. Nessa festa manifesta-se em tôda a sua grandeza ingénua e humilde a alma dos pescadores, dignos descendentes dos seus maiores



A Moita embandeirou também em arco com as festas da Boa Viagem que atraiu milhares de forasteiros aquele pitoresco rinção e que voltaram radiantes, pois tudo decorreu com o costumado brilhantismo



No Palácio de Cristal, no Pôrto, realizou-se com grande brilhantismo a cerimónia da entrega e bênção da bandeira da Brigada Naval. Assistiu numeroso público notando-se a presença de muitas senhoras e figuras destacantes no meio social A gravura mostra a celebração da missa campal que se realizou



O Chefe do Estado em frente da artística fonte pública que o sr. dr. Eurico Lisboa construiu na sua propriedade do Casal de S. José, na Bafureira, próximo da estação da Parede. Esta água foi descoberta há doze anos, acabando o sr. dr. Eurico Lisboa, após ter mandado proceder a minuciosas análises bacteriológicas, por aceder em pô-la à disposição do público. O Chefe do Estado fez votos sinceros pelo êxito de tão importante trabalho como dígna recompensa do esfôrço dispendido pelo ilustre clínico. Encontravam-se ali também os srs. tenente-coronel Lobo da Costa, dr. Júlio Dantas, dr. Ferreira de Mira, dr. António Centeno, dr. Cortez Pinto e outras individualidades em destaque



A actividade da quinzena desportiva em Portugal convergiu principalmente para as diversas competições dos Jogos Desportivos Nacionais ainda em curso no Estoril, e cujo programa abrange a quasi totalidade dos desportos praticados em Portugal, com excepção dos grandes jogos em campo e da patinagem.

Organizados sob o patrocínio da Sociedade Estoril e da Propaganda da Costa do Sol que os dotaram generosamente de prémios dum valor não habitual nas competições desportivas, organizados técnicamente por Os Sports com o escrúpulo e cuidado que são timbre de todas as suas intervenções, os jogos pareciam de antemão destinados ao mais completo êxito.

Nunca em Portugal, desde os tempos já remotos dos Jogos Olímpicos Nacionais e da Sociedade Promotora de Educação Física, se levára por diante organização de conjunto com tamanha amplitude e capaz de interessar tão variada massa de praticantes; as agremiações desportivas acorreram prontamente à chamada e a inscrição reuniu mais de quarenta, entre as quais se encontravam todos os clubes de renome lisboetas, representados por setecentos desportistas, também o escol da população praticante da capital.

Infelizmente, para que o triunfo fosse absoluto, faltou a pre-

sença do público. Desde a tarde da abertura oficial, a que presidiu o sr. Presidente da ReOs corredores que partitiparam na prova elclista dos Jogos Desportivos Naci-nats, o vencedor é o segundo da primeira fila, começando da esquerda pública, as provas disputam-se com entusiasmo inexcedivel, quási tôdas a um nivel

técnico apreciável, mas perante as bancadas vasias ou escassos grupos formados pelos próprios concorrentes a outras modalidades.

gal Manuel Oliveira, saltando no Estoril

Êste desinteresse popular deve ter sido para os organizadores amarga desilusão; alheamo-nos nestas considerações do aspecto financeiro do problema. tanto mais que não era o lucro o objectivo dos Jogos, mas sim a divulgação do desporto aliada à propaganda duma das nossas mais encantadoras regiões regiões turisticas, mas é de facto desolador verificar que após tantos anos de campanha, escrita, oral e de facto, em prol da divulgação desportiva, uma organização do vulto dos Jogos Nacionais. mesmo com o apoio franco das colectidades mais populares, passa na mais completa indiferenca do público.

Que ânimo fica, depois dêste fracasso,

A QUINZENADESPORTIVA

para novos empreendimentos? Quem ousará lançar-se em arriscadas organizações — aquelas que os conselheiros Acácios do desporto preconizam nos seus escritos sem explicar como hão-de ser realizadas — sabendo antecipadamente o prejuizo que colhera?

Nêste caso dos Jogos Desportivos temos ainda dois pontos diferentes a considerar; o primeiro diz respeito às considerações onerosas de deslocação do público e pode constituir uma atenuante à sua ausência; o segundo refere-se à população veraneante do Estoril e arredoras, cujo desinterêsse á imperdoável.

Temos forçadamente que reconhecer o custo elevado do transporte pelo combóio, agravado ainda pelos preços escaldantes das entradas nos recintos de provas; para o espectador residente em Lisboa a deslocação para presenciar os jos era pesada, e as entidades promotoras andaram mal — mal, contra os seus próprios interesses — não criando para estas circunstâncias um bilhete de tarifa especial onde fosse incluida a entrada no recinto de provas.

Para as pessoas residentes no Estoril e praias visinhas, locais onde nesta época se reune a classe social que se julga selecionada, as condições divergem inteiramente e o seu alheamento das diversas manifestações do torneio traduz uma mentalidade extranha; verifica-se, afinal que apezar dos esforços de muitos anos, as preferencias da mocidade portuguêsa se dirigem para os casinos e chás dançantes, em detrimento das exibições virís do desporto ao ar livre.

Eis mais um precioso ensinamento que nos veio trazer a organização dos Jogos pondo em evidencia quanto trabalho persistente será ainda necessário para criar na nossa gente o espírito despor-



tivo que exalta e valorisa as raças em via de ressurgimento.

O ciclismo e o atletismo foram as primeiras modalidades a concluir as suas provas.

A corrida de bicicletas, num percurso de setenta quilómetros, foi reservada aos ciclistas amadores e proporcionou ao Sporting a sua primeira vitória por intermédio de Túlio Pereira que dominou nitidamente todos os adversários no final da prova.

À equipa amadora do club dos «leões» confirmou, assim, no momento mais oportuno, a superioridade individual e de conjunto demonstrada no decurso da temporada e cuja afirmação mais eloquente foi, talvez, a vitória alcançada no circuito de Aveiro onde quatro amadores sportinguistas bateram os adversários por sete minutos e gastaram, no mesmo trajecto, cinco minutos menos do que os «azes» da categoria dos independentes.

Idêntica afirmação pode repetir-se a propósito do torneio atlético, no qual a falange do Sporting conquistou novo triunfo, seqüência lógica da vantagem sempre mantida em tôdas as competições regulares da época. Depois duma primeira jornada embaraçosa, na qual os representantes do Benfica lograram quatro pontos de vantagem, os homens de «verde e branco» recompuzeram-se no dia seguinte e chegaram ao fim do torneio com 17 pontos à maior.

Apezar das péssimas condições do terreno, adaptado pelo arranjo exaustivo dum campo de «football» absolutamente impróprio para a prática de qualquer desporto e muito menos do atletismo, o brio dos competidores excedeu a espectativa e alguns resultados mereceu arquivo.

Herculano Mendes lançando o disco a 40 m,28 e Manuel de Oliveira saltando 6 m,66 em comprimento conseguiram os melhores resultados da época; os 11,1 s. de Alves Pereira e Fernando Ferreira nos 100 metros, söbre uma pista que imitava na perfeição um terreno lavrado traduzem incontestável alestado de bons corredores de velocidade. Estes são factos de mérito absoluto.

mas entrando em conta com a relatividade de circunstâncias, seria injusto omitir as provas de Glória Alves, especialista de velocidade prolongada que será o campeão de amanhã; a revelação como saltador habilidoso do jogador de football Espírito Santo, a reaparição sensacional de Manuel Dias ganhando a corrida de obstáculos, as brilhantes vitórias do Sporting nas emocionantes corridas de estafetas ou a animação e progresso das competições femininas.

Serviu êste torneio de encerramento à actividade anual do atletismo em pista, à qual consagraremos uma das nossas próximas crónicas; seria exagêro afirmar que fechou com chave de oiro, mas fica nos a impressão final lisonjeira dum progresso incontestável, de melhoria geral tanto em profundidade como em superfície.

a assegurar o ressurgimento da modalidade após um período de crise resultante dos erros dos dirigentes. Aguardemos confiadamente o futuro.

Morreu inesperadamente na Suiça, no dia 3 do mês corrente, o barão Pedro de Conbertin, criador dos Jogos Olímpicos Modernos.

É uma grande figura do desporto internacional que desaparece apagadamente, perdida na atmosfera de ingratidão humana, tão pronta a esquecer os promotores de qualquer obra triunfante para seguir no rosto das glórias nascentes.

Pedro de Conbertin, cuja situação nos últimos anos de vida se tornara muito precária, acompanhou sempre espiritual-

mente o organismo que fundara e consagrava os poucos recursos de que dispunha a freqüen-

Manuel Dias reopare ceu na pista, vencendo os 3.000 metros com obstáculos, mas nisi damente batido na co r rida da légua

tes visitas a Lausana, onde está instalada a sede do Comité Olímpico.

Desde que pedira a demissão da presidência dêste organismo, em 1925, o barão de Conbertin afastara-se por completo de qualquer interferência pública nos negócios o'ímpicos, abrindo excepção há cêrca de um ano, após os Jogos de Berlim para afirmar a certo jornalista intrevistante a sua discordância com o rigorismo da lei de amador olímpico, declarando-a contrária aos seus propósitos de iniciador.

SALAZAR CARREIRA.



### BRAGA E SEUS ARREDORES

screver sobre Braga é extremamente difi-cil pois as mais brilhantes penas de Por-tugal, têm escrito páginas admiráveis, sobre esta cidade elevando a uns às maiores alturas, ridicularizando a outros, segundo as suas simpatias ou antipatias.

Braga é sem dúvida uma interessantíssima cidade, que tem um encanto muito especial, o encanto da antiguidade, que a torna uma verdadeira exposição de arquictetura portuguesa com os seus inúmeros palácios que pertencem ou per-tenceram às mais nobres famílias do nosso pais.

Tem uma religiosidade que as suas magnificas e numerosas igrejas, demonstram, assim como a e nuncrosas igrejas, demonstram, assim como a sua linda Sé, tão antiga, que o povo quando quer demonstrar a muita idade de qualquer coisa diz: «tão velha como a Sé de Braga». Essa religiosi-dade mantida por um povo convictamente devoto, faz de Braga a Roma portuguesa.

E, no entanto, Braga, a cidade dos velhos solares, a cidade das antiquíssimas igrejas, da célebre Sé, é uma cidade progressiva com uma grande compreensão da vida moderna e com um amor

notável a tudo o que é avanço.

Braga, a pitoresca cidade dos solares antigos e das igrejas de há séculos, tem eléctricos melhores que os de Pau ou mesmo de Bordeus, tem cafés nas suas arcadas que pela animação e apresentação estão a par dos cafés das grandes cidades, lojas onde se encontra tudo o que é neces-sário à vida e rasgadas avenidas, ladeadas de esplêndidas casas e esmaltadas por palácios e igrejas, que num contraste com as modernas construções realçam a sua beleza e o seu en-

A mulher do Minho é por tradição elegante e bonita, desde a camponeza com os seus varia-dos trajos regionais, que de freguesia para fre-guesia variam, numa rivalidade de graça e beleza, que a formosura da minhota realça, até à fidalga de séculos de pergaminho, que mantém com a sua distinção e encanto, a fama que a auréola. A mulher tem nesta provincia uma be-leza, que Ramalho Ortigão soube exaltar como ninguém nesse mimo de literatura, que são as «Farpas».

As senhoras de Braga, pela sua beleza e elegància mantiveram sempre à sua altura as tradicionais fases da vetusta e lindíssima ci-

dade

O Bom Jesus com a sua frondosa mata cuida-dosamente tratada, é sem dúvida, um ponto es-plendido, para um repouso que de o equilíbrio aos nervos cansados, daqueles a quem a cidade esgota na sua agitação de tôdas as horas.

Mas Braga não tem só o Bom Jesus tem tam-bém a Senhora do Sameiro com a sua montanha dominadora da qual se disfruta um panorama vastíssimo, onde a água cristalina e a A Arcada

pureza do ar fazem reviver os que em religiosa peregrinação visitam a montanha soberba.

Os arredores de Braga como a cidade, são povoados de palácios antigos e palacetes modernos, que tanto uns como outros têm o cunho de

grandeza e luxo.

Mas o que mais surpreende é o antigo paço de Palmeira, pertença que foi dum dos Meninos de Palhavã, D. José de Bragança, que foi arcebispo de Braga, primaz das Espanhas e que construiu à beira do Cávado, esse poético rio de lindas e límpidas águas, esse palácio, que tinha caído em decadência, e, que o capricho dum milionário inglês, tornou em pousada de grande luxo, onde se encontram todos os requintes do modernismo luxuoso, perdidos no meio da mais completa rusticidade aldea e que nos surpreendem ao tomar por um caminho de aldeia.

E dessa moradia onde o modernismo até um ·bar» ultra-moderno instalou e que é verdadeiramente uma anomalia no antigo paço episcopal, passamos à mais rústica païsagem que maior se torna esse contraste sobrefeito, quando se passa para um ambiente tão diferente como me sucedeu num delicioso passeio feito há dias, em que do modernismo de Palmeira, passei para a paz incomparável da mata formosa de Zibães o antigo convento Beneditino, que há um ano me encantou e subjugou numa primeira visita.

Encanto que esta segunda visita aumentou ainda mais, talvez pelo choque do contraste do luxo moderno com a paz sóbria e antiga duma

vasta moradia conventual e serena.

Esse choque do antigo e do moderno que numa cidade como Braga arquitectural e velha, mas com o conforto moderno, que numa rua es-treita com os seus velhos palácios, os seus nichos onde as almas do Purgatório imploram as orações dos transeuntes, nos mergulha em plena Idade Média e que uns passados andados nos mostra uma ampla avenida, que electricos e automóveis cruzam em rápido andamento, é pode dizer-se um choque agradável, é uma continuação de vida, é um eternizar o passado ligando o à vida presente, é uma continuação do que foi com o que hade ser que vivifica e que enraiza mais o passado, tornando o presente.

Mas na calma païsagem minhota o chare é um desagradável contraste, que embora agrade àqueles que da vida têm apenas o sentido do modernismo e da vida de hoje, estraga o ambiente tão suave do passado, que em tôda a pro-

vincia do Minho se respira.

Na païsagem soberba dos arredores de Braga cai melhor na alma a evocação do passado, que nos trás a tranquila e linda mata de Zibães, o seu iardim antigo de soberbos buxos, admirávelmente conservados e aparados.

As águas cantantes que de fontes de pe-



dras lavradas, caem numa continuada canção tão suave e plangente como o canto das naiades nos bosques do Olimpo, fazem um acompanhamento doce aos pensamentos elevados que nos assaltam. A mata frondosa de tão variados verdes, o seu

lago tão calmo, no meio da verdura que o emoldura, as veredas por onde evocamos as figuras dos frades, envoltos no seu sombrio hábito, em meditação profunda, ou em continuada leitura, a que tão dados são os filhos de S. Bento, é dum profundo encanto. Tudo respira a paz na frondosa e linda mata de Tibães junto do antigo convento e da monumental igreja e tudo nos convida a elevar o espírito para mais altas regiões.

A vida é feita de contrastes, o mundo de ontem e o mundo de hoje chocam-se continuamente, umas vezes numa fusão de simpatia, como na velha cidade de Braga, em que ruas velhas e ruas novas se juntam e se ligam numa continuïdade, que se completa, palácios de há séculos visinham com palacetes modernos, numa simpática con-

descendência de avós para netos.

A vida continua, a vida modifica-se e não pode estagnar como um pantano, a impetuosidade que a impele, não pode ser como essa loja de sapateiro, da rua do Souto, que nada tem nos seus armários de há séculos e que se mantém nua e deserta para dar a ilusão a um casal de velhos, tão velhos e rabugentos, de que ainda têm negócio, quando tão próximo as elegantes montras de modernas sapatarias, mostram os inúmeros e

mais modernos modelos que a moda lançou.

Tudo é preciso e tudo faz falta, quem sabe se
até esse antipático e pequeno «bar» do Paço da
Palmeira que contrasta tão fortemente com o ambiente delicioso dos jardins e com as águas correntes do Cávado não era preciso ali, para no choque inesperado com certos àngulos da vida moderna, nós podermos sentir melhor a paz da vida antiga e o encanto do passado.

Tudo tem um fim, tudo tem uma utilidade, qual ela é, nós não sabemos, nós nada sabemos e, temos apenas que admirar, que observar e que constatar comparando e escolhendo aquilo que mais nos agrada e que melhor se adapta à nossa maneira de sentir.

O que temos de concordar é que a beleza existe e guarnece o mundo com uma face, que se renova, com as épocas que atravessa.

E uma das melhores provas que temos é Braga a vetusta cidade, que se moderniza e os seus arredores tão lindos, tão cheios de imprevisto e de encanto, e que modernizados, ou conservando o cunho sério e antigo, são sempre duma soberba beleza que encanta os que têm a fortuna de os visitar e de os admirar.



#### Festas de caridade

EM COLARES

Com uma enorme e selecta concorrência, composta não só de famílias que se encontram veraneando em Colares, Praia das Maçãs e Sintra, como dos arredores, realisou-se na noite de 11, dia e noite de 12 do corrente, na esplanada da Adega Regional de Colares, cedida gentilmente,

uma festa de caridade. cujo producto se des tinava a favor da benemérita instituição do Preventório de Colares, a qual constou de Arraial populars e de uma «gin-

kanav infantil na tarde de 12, levada a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira por uma comissão de senhoras da flossa primeira sociedade da qual faziam parte as seguintes: D. Alice Capelo de Morais, D. Amélia de Carvalho Maia, D. Beatriz Telo de Magalhães Colaço, D. Catarina de Vilhena de Sousa Rego, D. Cecília Van-Zeller de Castro Pereira, condessa das Antas, condessa de Castro, condessa de Mangualde, condessa de Murça, condessa de Seixal, condessa da Torre, condessa de Vale do Reis, D. Constança de Vasconcelos e Sousa Lino, D. Helena Mauperrin Ferrão de Castelo Branco, D. Izabel Lobo Antunes Santos Moreira, D. Josefina de Canto e Castro Salema, D. Lívia Street Braancamp de Melo Breyner, D. Maria Amália Tamagnini Alves da Fonseca, D. Maria Amélia Teixeira Bastos, D. Maria Ana Machado de Castelo Branco Berquó; D. Maria Ana Machado de Castelo Branco Berquó; D. Maria do Carmo Maziotti França, D. Maria da Conceição Machado Pizarro de Melo, D. Maria Emília Machado Mendes de Almeida, D. Maria de Figueiredo Cabral da Camara, D. Maria Izabel de Morais Sarmento, D. Maria Luiza de Carvalho Monteiro, D. Picadodo D. Maria Luiza de Carvalho Monteiro, D. Piedade Lobato de Melo, D. Rafaela Tota, D. Raquela Andresen da Costa Perestrelo de Vasconcelos, viscondessa de Pernes, viscondessa de Taveira e D Vitória Velso Salgado. Todos os divertimentos do «Arraial» fizeram

ótimo negócio, tendo a «ginkana» decorrido com verdadeiro entusiásmo.

A comissão organisadora deve ter ficado plenamente satisfeita com os resultados obtidos tanto mundano, como financeiro.

#### Casamentos

Celebrou-se na paroquial de S. Sebastião da Celebrou-se na paroquial de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.ª D. Rosa Alice Maia Seára, gentil filha da sr.ª D. Maria do Carmo Maia Seára, já falecida e do sr. Daniel Joaquim Seára, com o sr. José Maria Cruces de Barros, filho da sr.ª D. Maria Cruces de Barros e do sr. Domingos Alfredo de Barros, tendo servido de madrinhas as sr.ªs D. Maria Antónia Maia Seára, irmã da noiva e D. Maria José Girão de Barros e de padrinhos o irmão da noiva sr. António Maia Seára e o pai do noivo. sr. António Maia Seára e o pai do noivo.

Terminada a ceremónia foi servido numa re-sidência da Avenida 5 de Outubro, oferecido pelo pai da noiva, um finíssimo lanche, da pastelaria «Versailles», partindo os noivos, a quêm fôram oferecidas grande número de artísticas prendas para Montemor-o-Novo, onde fôram

passar a lua de mel.

Na paroquial de S. Sebastião da Pedreira, celebrou-se o casamento da sr.ª D. Maria Lu-cília Brito da Silva Leal, interessante filha da sr.ª D. Maria Lucília Brito da Silva Leal, e do sr. dr. Pavão Leal, com o sr. dr. Mário Vieira de Miranda Monteiro, filho da sr.ª D. Antónia Miranda Monteiro e do sr. dr. Mário Miranda Monteiro, servindo de padrinhos os pais dos noivos.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência do pai da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «Versailles», recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

um grande número de valiosas prendas.

— Com a maior intimidade, celebrou-se na paroquial de S. Domingos de Benfica, presidido pelo prior da freguezia do Santo Condestável, reverendo Francisco Maria da Silva, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, o casamento da sr.ª D. Maria Leonor Barbosa de casamento da sr.º D. Maria Leonor Baroosa de Faria Estácio, gentil filha da sr.ª D. Leonor Bar-bosa Estácio e do sr. Emilio de Faria Estácio, já falecidos, com o sr. Carlos Augusto Marques, filho da sr.ª D. Justina Augusto das Dores Pereira Marques, já falecida e do sr. Carlos Maria

Marques, antigo administrador da Companhia das Lezirias, tendo servido de madrinhas as sr. ss. D. Maria Amélia Borges de Sousa de Faria Estácio, cunhada da noiva e D. Maria Eduarda Queriol Marques, cunhada do noivo e de padri. nhos os srs. major Augusto de Faria E. irmão da noiva e engenheiro Eduardo Augusto Marques, irmão do noivo.

Acabada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, na elegante residência dos noivos, se-

— Celebrou-se na paroquial dos Anjos, o ca-samento da sr.<sup>a</sup> D. Aida da Silva Mateus interes-sante filha da sr.<sup>a</sup> D. Adelaide Andrade Silva Mateus e do sr. António Maria Rosa Mateus, com o sr. Fernando José Magalhães, filho da sr.ª D. Leo-poldina Magalgães e do sr. José Magalhães, ser-vindo de madrinhas as sr.º D. Maria Henriqueta Oliveira Mateus e D. Maria Furriel e de padrinhos o pai da noiva e o sr. Eduardo Furriel, presidindo ao acto o reverendo Esteves, que no

fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Acabada a cerimónia foi servido na residência dos pais da noiva um finíssimo

lanche, partindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de valiosas prendas para o Porto, onde fo-

ram passar a lua de mel-

- Presidido pelo reverendo prior monsenhor Gonçalo Nogueira, que no fim da missa pro-nunciou uma brilhante alocução, celebrou-se com extraordinário brilhantismo, na paroquial de Santa Maria de Belém, o casamento da sr.ª D. Ana Maria Berneaud Caiola, gentil filha da sr.ª D. Marieta Emilia Berneaud Caiola e do nosso presado colega na imprensa e director geral interino da Agência Geral das Colónias, sr. Júlio de Almeida da Gama Lobo Caiola, com o sr. Jean Henry Bonneville, filho da sr.ª D. Mar-garida Queriol Macieira e do sr. António Bonneville, servindo de madrinhas as mais dos noivos e de padrinhos o pai da noiva e o tio materno do noivo sr. dr. Luís Queriol Macieira.

Finda a cerimónia, durante a qual o grupo coral da Catequese da freguezia de Santa Maria de Belém, se fez ouvir em vários trechos de música sacra, com acompanhamento de um quarteto de corda, foi servido na elegante residência dos pais da noiva, à rua de Pedrouços, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de artísticas e valiosas prendas. Sua Santidade

que artisticas e valiosas prendas. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

— Pela sr.ª D. Ana Miguel Faustino, esposa do sr. António Faustino, foi pedida em casamento para seu filho Manuel, a sr.ª D. Magda Odete de Freitas, gentil filha da sr.ª D. Hortênsia Alcântara de Feitas, já falecida e do sr. Diamantino Duarte de Freitas, devendo a cerimónia realizar-se brevemente.

— Para seu filho Manuel foi pedida em casamento pela sr.ª D. Ana Miguel Faustino, esposa do sr. António Faustino, a sr.ª D. Magda Odete de Freitas, interessante afilhada da sr.ª D. Hortencia Alcantara de Freitas, já falecida e do sr. Diamantino Duarte de Freitas, devendo a cerimónia realisar-se brevemente.

D. Nuno.



guindo êstes, a quêm fôram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas, para Sintra, onde foram passar a lua de mel.

Celebrou-se na paroquial de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.ª D. Maria Perez Alban, interessante filha da sr.ª D. Arcelina Perez Rez Alban e do sr. Jesus Perez Orge, com o sr. Manuel Vilan Miguez, filho da sr.ª D. Soledad Miguez Vilan e do sr. Francisco Vilan Lamas, já falecido, tendo servido de madrinhas as sr.as D. Laura Andjon Duran e D. Aldina Vilan Miguez, tia do noivo e de padrinhos os srs. Manuel Perez Alban, irmão da noiva e José Miguez Vilan, tio do noivo.

Serviram de «damas de honor» as sr. as D. Maria Manuela de Carvalho Iniguez e D. Maria da

Conceição Pereira Vilan.

Terminada a cerimónia foi oferecido pelos pais da noiva, um finíssimo almôço, no salão do réstaurant do Café-Tavares, partindo os noivos a-quêm foram oferecidas grande número de valiosas e artisticas prendas, para o norte, onde

fôram passar a lua de mel.

- Na capela do Palácio dos srs. condes de Valenças, celebrou-se o casamento de sua gentil filha D. Maria Izabel, com o sr. João de Sampaio e Castro Cunha da Silveira, filho da sr.ª D. Francisca Dart de Castro Cunha da Silveira e do sr. dr. Cunha da Silveira, já falecido, servindo de madrinhas a sr.ª condessa de Nova Gôa, e a măi do noivo e de padrinhos os Luís Hintze Ribeiro Jardim e José Sampaio e Castro Cunha da Silveira, presidindo ao acto o prior da fre-guezia da Lapa, monsenhor dr. Domingos Nogueira, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

Finda a cerimónia foi servido no salão de mesa do palacete dos pais da noiva um finíssimo lanche da pastelaria «Versailles», partindo os noivos a quem foram oferecidas grande número de ar-tísticas e valiosas prendas para o Palace do Bussaco, onde foram passar a lua de mel.

Rosa Alice Maria Seara, com o sr. José Maria Cruces de Barros, celebrado na paroquial de S. Sebastião da Pedreira. Os noivos, com a família e convidados



ADA vez se vai tornando mais dificil o saber vestir e senhoras há que gastam fortunas em vestidarios e que não andam bem vestidas enquanto outras que relativamente pouco dispendem se apresentam com a maior elegância.

Depende isto apenas do gósto com que as «toilettes» são escolhidas e do saber adequá-las à jfgura, à idade e à aparência da senhora que as usa. Ter muitos vestidos não quer dizer pestir

ter muitos vestuos não quer dizer vestir bem, antes pelo contrário, porque entre muitos há-de haver fatalmente alguns feios e de mau gósto, porque na variedade há muitas vezes uma falha.

O serem muito caros e de esplendidas fazendas não faz com que sejam bonitos os vestidos, embora atenui o mau efeito, sobretudo, se, se trata de «toilettes» originais e de dar nas vistas, que só se suportam quando feitas em tecidos de primeira qualidade e por bóas modistas.

Vestir bem é uma arte que muitas senhoras têm, conseguindo ter a maior elegância com vestidos que não são caros e, tendo muitos. Chamam a isto os franceses «savoir porter

Chamam a isto os franceses «savoir porter la tollette» e é uma arte que depende de muitas coisas, primeiro que tudo de distinção, indispensável a uma senhora, a distinção de porte, de maneiras e de apresentação, depois da escólha dos tecidos e das córes, o que fica bem a uma morena, não favorece uma loira, o que vai admit avelmente a uma mogra, pode desfigurar uma gorda, o que faz sobressair uma alta, torna ridicula uma batara, a stoilette que foz duma mulher pequenina uma boneca, tornará a mulher alta um ando:

A arte está em saber ver o que convem à estatura e ao tipo, e, muito principalmente à idade, porque se è feio ver uma rapariga nova vestida, com demasiadas guarnicões e com pesadas stollettes», è ridiculo ver uma senhora que há muito passou da juventude engalanada com fréscos e vaporosos vestidos que pendem pelo menos vinte anos de atrazo na idada de quem os usa, embora a conservação de figura e de rosto the permitam certas audécias.

Há senhoras que são sempie novas, não só porque os anos lhe respeitam a beleza, mas também porque tém o tacto de vestir de tal forma a parecer novas sem contudo exagerar a «tollette» no sentido de a poderém vestir a suas libbas

Hå ainda um ponto a tocar que é da máxima inportáncia e a que antigamente as senhoras davam tóda a atenção, o que hoje muitas vezes não sucede, dando ocasião a lamentáveis equi-

Há várias categorias na sociedade humana e temos de manter-nos sempre dentro daquela em que vivemos.

Uma senhora não deve vestir como uma arlista, a artista embora seja uma senhora da maior e mais requintada educação, da maior honestidade, do mais profundo respeito, tem de vestir com uma certa originalidade, ter um «chic» arrofado que impressione o público, porque se o deve impressionar, pelo seu lalento, a sua ousada elegáncia, tem uma certa influência no sentir do público admirador. A artista lança a moda e a moda ousada.

E evidente, que a senhora que vive num recatado meio, não pode vestir da mesma maneira, embora seja muito elegante, porque é natural que a mulher não tenuncie à elegáncia, seja qual fór a sua situação, a elegáncia é um direito feminio.

Ha muitas senhoras, que deliram com as modas do cinema, com os penteadas dos artistas, com o seu calçado, e mesmo que essas artistas sejam como suponho que são, pessõas muito de bem, as saas modas nem sempre são adaptáveis ao país e ao meto com que as senhoras viemm. Porque na moda deve haver sempre uma certa adaptoção ao país e ao meto, o que fica muito bem num país, noutro é ridículo e o que se admite num certo meio, noutro fac maí,

A senhora elegante, que quer vestir bem tem de ser duma grande simplicidade e sobriedade, duma escolha perfelta, para que possa realizar é-se idelal de distinção elegante que é uma nota 1ão interessante e facil de realizar

E para as suas filhas, a senhora que marca pela sua distinção deve fazer também uma escolha cuidada. Nada mais tidiculo do que vér uma rapariga nova excessinamente pintada e com espaentosas «tollettes».

A simplicidade é quási obrigatória na «toilette» da juventude e a raporiguinha simplesmente vestida terna se mais notará do que aquela que pretende chamar a atenção pela sua espaventos «toilette».

Ainda há pouco num local em que havia imensas meninas e «toilettes» muito chics» chamaca a atenção uma menina dos seus quinze ou desasseis anos, que não estragava a sua frescura com pinturas, a sua cabeça não conhecia a permanente, duas formosas tranças ornavam-na simplesmente e toucavam-na ricamente, um simples «toilleur» de linho branco, com uma bluzinha azul pastel apertada no pescoço e um grande chapeu de palha.

Nada podia haver de mais simples, de mais candido e de mais elegante. Era a mocidade personificada, era a distincão da menina que o sabe ser.

E pois muito fácil vestir bem quando se não quer dar nas vistas e é assim que muitas vezes a mulher se torna notada e a graça duma rapariga floresce como um tírio.

Não é preciso gastar fortunas, não é preciso ser extravagante para ser distinta e elegante, basta apenas ter gósto e saber escolher o que pode volorizar o tino de beleza.

MARIA DE EÇA.



# PÁGINASFEMININAS



#### A moda

Baternos à porta o Outono. No primeiro de Outubro começam as veraneantes a pensar no regresso a Lisboa e as senhoras a pensar no que hão-de usar nos primeiros tempos citadinos, é preciso preparar com antecedência as tollettes que tanto contribuem para manter a linha de elegância, pois são as tollettes de meia estação as mais difíceis de organizar e as mais difíceis de usar.

Nesta época do ano recorre-se e com muito bom senso às malhas que estão tanto em moda e que tão bonito resultado dão.

Tanto em «sweaters» como em «tailleurs» a malha tem um verdadeiro sucesso, que o lindo aspecto que tem, todos os objectos de vestuário em malha, amplamente justifica.

Nada há de mais prático e ao mesmo tempo tab bonito, como os trajos em malha que tão bem se adoptam ao corpo e tão graciosas «toi-lettes» combinam, que aliam à comodidade a elegância.

Entre os modèlos elegantíssimos que damos hoje há um lindo «sweater» em «tricot» que qualquer senhora pode executar, em la verde jade. A variedade de pontas dá-lhe um encanto muito apreciável e guarnece-o com o maior

As \*sweaters\* continuam a ter a mesma voga o que bem se compreende pelas camadas que são.

Temos também um modèlo de «tailleur habillé» em quadradinhos brancos, azues e cinzentos. Saia e jaqueta curta com mangas largas. Uma blusa em «placé» branco, guarnecida com rosas da mesma séda completa a «toilette». Um chapéu em féltro azul acompanha éste cómodo trajo, que luvas em «suéde» azul tornam muito clevante.

Em grossa malha castanha, temos um vestidi-



nho que vestirá com a maior elegância qualquer menina. Saia e jaqueta muito justa, por dentro blusa em camurça, tom natural. Boné escocés em féltro, guarnecido por fita e peninhas em tom «cof de rolhe» e castanho, dum moderno e gracioso efeito. Luvas de camurça branca com alto canhão.

Para a cidade um elegantíssimo «tailleur» num tecido grosso e felpudo em là azul escuro. E' um completo do maior «chic». O vestido inteiro tem o mais lindo corte e a saia tem a frente em prégas «lingerie» que lhe dão um aspecto desusado.

Sôbre o vestido uma jaqueta de irrepreensivel corte, fechando na cintura por dois botões. Sôbre as bandas do casaco assentam bandas recortadas, em pano setim branco, que dão à «toi-lette» uma grande originalidade e um requintado tom.

Na cabeça chapéu em fêltro azul escuro guarnecido com um grosso tule no mesmo tom, luvas em camurça branca. Raposa azul, a-pesardo anunciado que está o desprêzo pelas peles nós vemos sempre, que logo que o tempo refresca um pouco elas aparecem sempre e têm bem marcado o seu lugar na elegáncia feminina.

As corridas de cavada de comencia de como estão o porta e como o Estoril tem o mais delicioso clima, podem apresentar-se violiettes que mais tarde se aprovettam em chás ou jantares. Aqui temos uma linda violiette em gaze cor de marinim, sobre «tafetas» do mesmo tom. A sala de abundantissima roda é guarnecida por exóticas flores e folhagem recortadas em setim preto e aplicadas; o mesmo motivo repete-se no corpete apanhando os ombros e os tufos das marigas. Chapéu de grande aba em setim preto guarnecido por uma laçada de fita em veludo "preto. Luvas em «sede» preto e sombrinha em

gaze preta.

Para a noite uma simples «toilette» para me-

nina, numa seda última novidade, sóbre fundo créme lavrado, flores de vários tons de vermelho. Duas estreitas «ruches» guarnecem a saia e repetem-se no «fichu» que forma as manguinhas. Um cinto de veludo vermelho ata atrás com uma longa lacada.

Este vestido duma grande novidade, resuscita certos vestidos que fizeram as delicias das meninas em fins do século XIX af por 1898, e e nem provar-nos que nada é absolutamente novo, vem mesmo na moda que teima em querer criar coisas novas.

#### A mulher na aviação

É extraordinário o avanço da mulher nestes a sua energia.

Amélia Earhart é um exemplo da maior coragem, e, o seu desaparecimento, que não quer dizer morte, pois é bem possível que viva ainda numa dessas pequenas ilhas que quási são recifes e não ilhas, pós em destaque a sua forte e enérgica individualidade. Madeleine Chaumont a conhecida escritora francesa dizia há anos dela o seguinte:

«A aviação honra se com grandes nomes femininos e nós sentimo-nos felizes de registar o de Amélia Earhart, que acaba de atravessar o Atlántico. Só, o que e para notar!

«Eu considerei sempre para a mulher, a solidão, como a mais penosa coisa. Mas também as circunstâncias dêste «raid» fazem-nos considerar, porque marcam uma mentalidade diferente da nossa. Não, que as mulheres francesas não testemunhem, clas também, uma coragem a tôda a prova. Mas quando uma mulher casada americana exprime a seu marido, o seu desejo de tentar êste «raid», é com emoção que lemos a sua resposta:

«Vai e conseguirás, eu tenho em ti a maior confiança».

A confiança na sua mulher, eis o que deve dar a esta a maior coragem e confiança em si própria. Eis do que sofremos em França: os homens não têm confiança nas mulheres!

Eles não podem negar o seu valor, mas é com um certo rancor que as vêm atingir os seus fins.
 Em muitos países a mulher é festejada, ani-



mada, sem por isso se fazer dela uma boneca. Ao contrário, trabalhando tanto como o homem. Mas respeitam-na por esse trabalho, ajudam-na, têm confiança nela e em todas as suas tentativas ela toma a peito dar as suas provas.

Em França o homem encara a mulher que conquista um lugar, como uma inimiga ou um desleal concorrente.

«E no entanto quantas as mulheres o fazem apenas por necessidade e necessitam de auxílio moral ainda que não seja senão para suportar a dura tarefa da vida».

Estas palavras da escritora francera adaptamese admiravelmente ao nosso país e a mulher que dissesse ao marido que queria fazer, só, um tão dificil «raid», não receberia o incitamento do marido de Earhart, mas naturalmente seria tratada de doida e quem sabe se internada num manicómio. Mas também o marido não viveria as tristes horas de incerteza que tem passado o marido de Amélia Earhart.

#### Higiene e beleza

A vida ao ar livre destes mezes de verão, escangalha bastante a cabeleira embora haja com ela os maiores cuidados. E' preciso acudirlhe para não perder essa beleza incomparável, que é o possuir lindos cabelos. Para o conseguir eis uma receita:

Untar tôda a cabeça com óleo de ricino, deixar estar esta aplicação pelo menos meia hora. Durante êsse tempo, passar numa passadeira muito fina uma gema de ovo e bate-la numa tigela em que se tenha desfeito um terço de sabão líquido e dois terços de água quente. Pôr na cabeça éste «shampoo» e lavar muito bem a cabeça, na última água deitar vinagre.

Para fazer crescer o cabelo friccionar todos os días a raiz com uma escovinha embebida na seguinte loção: Cloridrato de quinino 1 grama, tintura de Jahorandi 20 gramas, Licor de Hoffman

80 gramas, essência de verbena algumas gotas. No caso de haver queda de cabelo é preciso aplicar um remédio mais enérgico, eis uma bóa receita: Tintura de cantaridas 5 gramas; tintura de Jahorandi 25 gramas, Alcolato de melissa 15 gramas, água de colonia 65 gramas.

E' preciso não esquecer que o cabelo deve ser muito bem escovado á noite, e sendo comprido deve ser entrançado para não embaraçar, e todas as manhãs se deve soltar para arejar.

#### Pensamentos

O homem que (oi bom filho, será bom marido e melhor pai.

Amar o próximo é fácil, mas o que é mais difícil é saber fazer-se amar por êle.



#### Bridge

(Problema)

Espadas — A. Copas — — — Ouros — 3, 2 Paus — A. 10, 8, 7, 6, 2

Copas – V. 8, 4 Ouros – V. 10, 8 Paus – D. S Copas – 10, 3 Ouros – D. 5, 4 Paus – V. 4, 4

Espadas — 10, 6, 3 Copas — A. D. 9 Ouros — A. R. 6 Paus — —

Trunfo ouros. S. joga e faz 8 vasas.

(Solução do número anterior)

S joga A. c., O - 10 c., N - V. c., E - 6 c. S  $\rightarrow$  2 c., O - 10 c., N - 2 c., E - V. c. N  $\rightarrow$  3 c., E tem de baldar-se a ouros ou paus.

S balda-se a 3 p. O não pode baldar-se a paus nem a copas, razão por que E devia ter se baldado a R. p. e não a R o.

N joga A. p. e S balda-se conforme a balda de E, e faz as duas vasas restantes.

#### Festival japonês

Na ilha de Ryu-Kyu, situada ao sul das principais ilhas japonesas, celebra-se todos os anos a festa do nascimento de Buddha.

O mosteiro onde se realiza os festejos fica situado no alto da montanha e é inteiramente construido de madeira. Subindo pelos degraus talhados e pelos atalhos abruptos, centenas de camponêses véem até àquele edifício isolado, onde, segundo se diz, Buddha teve a sua residência, em dado momento.

Os peregrinos param para se recolherem, por entre as numerosas pedras que têem gravadas sôbre elas, orações. Lá no cimo são recebidos pelos monges e queimam pequenos paus de incenso aos quais cada um amarra um papelinho com um pedido escrito.

Estes fieis são creaturas interessantes, de um tipo que ficou puro, e praticam uma fé, cujas exigências não são muito severas. Chamam-se os padres para os funerais, sobe-se até ao mosteiro por ocasião das grandes festas, mas o resto do tempo concorda-se em que não é possível escalar muito a miudo a montanha.

As ilhas Ryu-Kyu foram completamente independentes até 1865, data em que o seu soberano as cedeu ao Mikado e foi viver para Tokio como simples cidadão.

Estas cinquenta e cinco pequeninas ilhas, são de formação vulcânica e o solo é muito fértil. Por isso os cultivadores são ali mais numerosos do que os operários industriais, ao contrário do que sucede no resto do Japão.

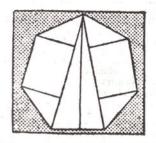
#### Aniversários de casamento

São curiosos os vários nomes com que a tradição em França, designa muitos dos aniversários de casamentos, além dos já nossos conhecidos, de *Bodas de prata, de ouro e de diamante*. Fi-los:

1.º aniversário — Bodas de algodão; 2.º — Bodas de papel; 3º — Bodas de couro; 6.º — Bodas de madeira; 7.º — Bodas de lã; 10.º — Bodas de estanho; 12.º — Bodas de seda; 15.º — Bodas de cristal; 20.º — Bodas de porcelana; 25.º — Bodas de prata; 30.º — Bodas de perolas; 40.º — Bodas de rubís; 50.º — Bodas de ouro; 60.º ou 70.º, segundo as tradições — Bodas de diamante. Há ainda as Bodas de rádio para o 75.º aniverarario de casamento, mas essas para chegar a realisá-las precisa, geralmente, ser-se centenário.

#### Paciência geométrica

(Solução)



Por alturas do ano de 1652 era tão grande o número de lobos que havia em Portugal, e tão consideráveis os prejuizos que êles faziam nas criações, sobretudo nas cavalares, que por or-

dem do Rei foram mandados procurar todos aqueles caçadores que apresentassem peles de lobos porque, segundo um documento oficial da época, era esta a causa de «não multiplicar mais a cavalaria, como se esperava das ordens dadas, para prever à defesa do reino».

O bambú, que cresce tão abundantemente em tôdas as partes dos tropicos, é uma planta graminea, cujas hastes tomam um grande desenvolvimento, alcançando 18 e 20 metros.

O bambú da China difere do bambú da Índia, por ter os nós salientes e ramos em todo o seu comprimento; êste último tem geralmente, uma superfície lisa até 9 metros e mais do solo, razão porque a madeira que não apresenta nós tem grande importância.

A vida é uma estrada direita, cuidado com os atalhos, que levam em geral depressa, para a desgraça.

#### Palavras cruzadas

(Solução)

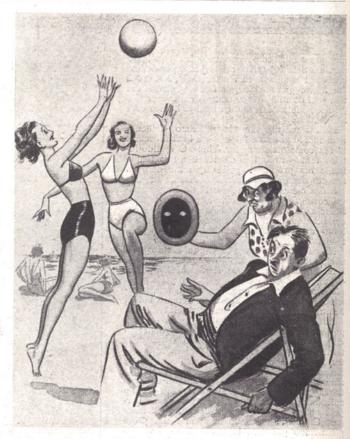
Α	U	R	A				В	0	T	0
T		I	M	0		R	0	L		L
Α	L	T	0		В		A	G	U	A
	A	0		L	0	T		A	R	
Α	R		L	A	I	A	S		0	S
Ι		D	I	Ç		R	0	L		0
	L	E	S	0		A	L	Α	R	
Α					£.					J
Ι	M	Α	N		M		C	A	J	U
D	A	D		M	E	A		L	0	T
A	S		L	E	S	T	0		В	A

#### Três quadrados

(Passatempo)

Com quatro linhas rectas de igual comprimento e outras quatro linhas rectas com metade dêsse comprimento construam-se três quadrados absolutamente iguais.

A arte de colher e trabalhar a seda, parece ter-nos vindo da Índia, pela Persia, Ásia Menor, Grécia, Espanha, Nápoles, Veneza e França. A nossa indústria de seda teve desde o início um grande influxo francês. É natural que as primeiras máquinas importadas em Portugal tivessem sem sido os célebres moinhos do Piemonte descritos com tanta minúcia pelos enciclopedistas do século xvIII. No Conservatório das Artes e Ofícios de Paris ve-se um destes aparelhos, modificado por Vaucausan para poder torcer a seda e que data desde de 1760.

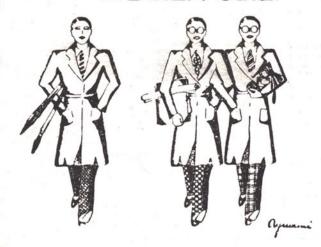


A esposa ofendida: — Ah! com que então êle é isto, não é? A fingir que dorme com o chapéu por cima da cara e afinal com os olhos bem abertos, a ver tudo por estes buracos!

(De London Opinion.)

### GRAVADORE/

MPRE//ORE/



IELEFONE 2 1368

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

Prémio Ricardo Malheiros

TIPOS E CASOS

POR ANTERO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

TITÚLOS DOS CAPÍTULOS:

O capote do Sur. «Mariquinhas» - Apêgo à Dôr - Dr. Mendes «Gira» - Feira de Ano - Lúcia - Um sobretudo de respeito! - A paz do Lar - Uma espada... em bainhada! — O Barboza de Sejins — O Morgado de Sabariz.

1 vol. de 320 págs., broch. . . 12\$00 enc. . . 17\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

### PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR ~ DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposirremada com medama de officiento em constanta de officiente de concorrido. — DIPLOMAS DE HONRA na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

### venda

SAMUEL MAIA

### **ESTE MUNDO** E O OUTRO

O outro mundo — Arca de Noé — Êste mundo de agora (1930) — Tempo de 1932 — Tempo de 1935 - Tempo de 1936 - Juizo final

1 volume de 298 págs., brochado . 12\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND 73, Rua Garrett, 75 LISBOA

Banhos de agua termal, Banhos de agua do mar quentes, BANHOS CAR-BO-GASOSOS, Duches, Irrigações, Pulverisações, etc. - -

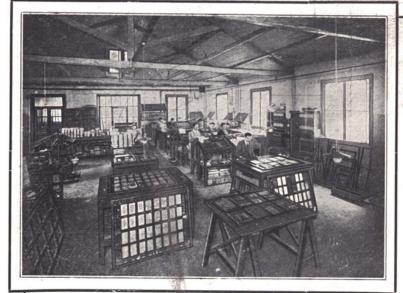
> FISIOTERAPIA, Luz, Calor, Electricidade médica, Raios Ultravioletas, DIATERMIA e Macagens. -

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12

Telefone E /2



Oficina de composição

# IMPRENSA PORTUGAL BRASIL

Telefone: 20739

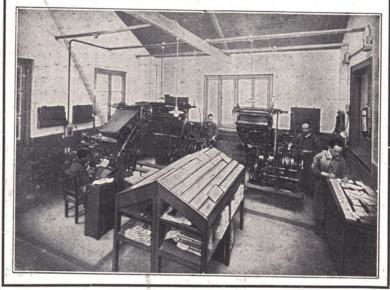
RUA DA ALEGRIA, 30

LISBOA

As mais modernas instalações do país e aquelas que maior capacidade de produção possuem

3

Secção especial de publicações ultra-rápidas



Oficina de composição mecânica

**30** 

É nestas oficinas que se imprimem os belos trabalhos gráficos de

Ilustração,

Almanaque Bertrand

História

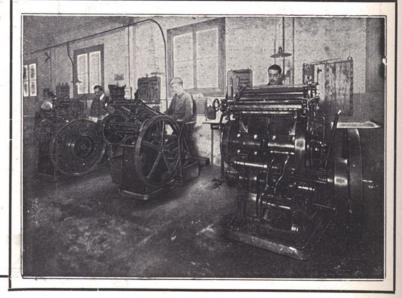
Literatura

LIVROS, RELATÓRIOS. ETC.

TRABALHOS COMERCIAIS

INEXCEDÍVEL PERFEIÇÃO

ORÇAMENTOS GRÁTIS



## OBRAS DE JULIO VERNE

### Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versões portuguesas autorizadas pelo autor e edifóres, feitas pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

### Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- 97 horas e 20 minutos, tradução de Henrique de Macedo. 1 volume.
- 2 A roda da lus, trad. de Henrique de Macedo, 1 vol.
- A volta ao mundo em oitenta dias, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
- Aventuras do capitão Hatteras, trad. de Henrique de Macedo: 1.a parte - Os ingleses no Polo Norte.
- 1 vol.
- 5 2.ª parte O deserto de gélo. 1 vol.
- 6 Cinco semanas em balão, trad. do Dr. Francisco Augusto Correia Barata. 1 vol.
- Aventuras de três russos e três ingleses, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
- 8 Viagem ao centro da terra, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
- Os filhos do capitao Grant, trad.
- de A. M. da Cunha e Sá:
  9 1.ª parte América do Sul 1 vol.
  10 2.ª parte Austrália Meridional. 1 vol.
- 11 3.ª parte Oceano Pacífico. 1 vol. Vinte mil léguas submarinas: 12 - 1.ª parte - O homem das águas, trad. de
- Gaspar Borges de Avelar.

  13 2.a parte O fundo do mar, trad. de Fran-
- cisco Gomes Moniz. 1 vol. A ilha misteriosa, trad. de Henrique
- de Macedo: 14 - 1.a parte · Os náufragos do ar. 1 vol.
- 15 2.ª parte O abandonado. 1 vol. 16 3.ª parte O segrédo da ilha. 1 vol. Miguel Strogoff, trad. de Pedro Vi-
- doeira: 17 - 1.a parte - O correio do Czar. 1 vol.
- 18 2.ª parte A invasão. 1 vol.
  - O país das peles, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho:
- 19 1.a parte O eclipse de 1860. 1 vol.
- 2.a parte A ilha errante. 1 vol. 21 — Uma cidade flutuante, trad, de Pedro Guilherme dos Santos Denis. I vol.
- 22 As Indias Negras, trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.
  - Heitor Servadac, trad, de Xavier da Cunha:
- 23 1.a parte O cataclismo cósmico. 1 vol. 24 - 2.ª parte - Os habitantes do cometa. 1 vol.
- 25 O Doutor Ox, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
  - Um herói de quinze anos, trad. de Pedro Denis:
- 26 1.ª parte A viagem fatal. 1 vol. 27 2.ª parte Na Africa. 1 vol.

- riano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
- 29 Os guinhentos milhões de Begun, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
- 30 Atribulações de um chinês na China, trad. de Manuel Maria de Men
  - donça Balsemão. 1 vol. A casa a vapor, trad. de A. M. da Cunha e Sá:
- 31 1.a parte A chama errante. 1 vol. 32 2.a parte A ressuscitada. 1 vol.
- A jangada, trad. de Pompeu Garrido. 33 1.ª parte O segrédo terrivel. 1 vol. 34 2.ª parte A justificação. 1 vol.
- - As grandes viagens e os grandes viajantes, trad. de Manuel Pinheiro Chagas:
- 35 1.a parte A descoberta da terra. 1 º vol.
- 36 1.ª parte A descoberta da terra. 2º vol. 37 2.ª parte Os navegadores do século XVIII. 1.0 vol.
- Os navegadores do século - 2.a parte XVIII 2.0 vol.
- 39 3.a parte Os exploradores do século XIX. 1.º vol.
- 40 3.a parte -Os exploradores do século XIX.
- A escola dos Robinsons, trad. de Assis de Carvalho. 1 vol.
- 42 O raio verde, trad de Mendonça Balsemão. 1 vol.
  - Kéraban, o Cabeçudo, trad. de Urbano de Castro:
- 43 1.a parte De Constantinopla a Scutari. 44 2.a parte O regresso. 1 vol.
- 45 A estrêla do sul, trad. de Almeida de Eça. 1 vol.
- 46 Os piratas do arquipélago, trad. de João Maria Jales. 1 vol.

#### Matias Sandorff:

- 47 1.a parte O pombo correio. 1 vol.
- 2.a parte Cabo Matifoux. 1 vol.
- 49 3.a parte O passado e o presente. 1 vol.
- 50 O naufrago do «Cynthia», trad. de Agostinho Sottomayor. 1 vol.
- 51 O bilhete de lotaria n.º 9.672, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
- 52 Robur, o Conquistador, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
  - Norte contra Sul, trad. de Almeida de Eça:
- 53 1.a parte O ódio do Texar. 1 vol.
- 54 2.ª parte Justiça. 1 vol.

- 1 Da terra à lus, viagem directa em 28 A galera Chancellor, trad. de Ma- 55 O caminho da Franço, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
  - Dois anos de férias, trad. de Fernandes Costa:
  - 56 1.ª parte A escuna perdida. 1 vol. 57 2.ª parte A colónia infantil. 1 vol.
    - Família sem nome, trad. de Lino de Assunção:
  - parte Os filhos do traidor. 1 vol. 59 - 2.ª parte - O padre Johann. 1 vol.
  - 6 Fora dos eixos, trad. de Augusto Fuschini.-1 vol.

#### Cesar Cascabel

- 61 1.ª parte A despedida do novo continente, trad. de Salomão Sáraga. 1 vol.
- 62 2.ª parte A chegada ao velho mundo. trad. de Lino de Assunção. 1 vol.
  - A mulher do capitão Branican, trad. de Silva Pinto:
- 63 1.ª parte A' procura dos náufragos. 1 vol.
- 64 2.ª parte Deus dispõe. 1 vol.
- 65 O castelo dos Carpathos, trad. de Pinheiro Chagas. 1 vol.
- 66 Em frente da bandeira, trad. de Manuel de Macedo. 1 vol.
  - A Ilha de Hélice, trad. de Henrique
  - Lopes de Mendonça:
- 67 1.ª parte A cidade dos biliões. 1 vol. 68 2.ª parte Distúrbios no Pacífico. 1 vol.
- 69 Clovis Dardentor, trad. de Higino de Mendonça. 1 vol.
  - A esfinge dos gêlos, trad. de Napoleão Toscano:
- Viagens aos mares austrais. 70 - 1.ª parte -1 vol.
- 71 2.ª parte Lutas de marinheiro. 1 vol.
- 72 A carteira do repórter, trad. de Pedro Vidoeira, 1 vol.
  - O soberbo Orenoco, trad. de Anibal
- de Azevedo:
  73 1.ª parte O filho do coronel. 1 vol.
  74 2.ª parte O coronel de Kermor. 1 vol.
- 75 Um drama na Livónia, trad. de Fernando Correia. 1 vol.
- 76 Os naufragos do Jonathan, trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 1 º vol.
- Os náufragos do Jonathan, trad. de
- Henrique Lopes de Mendonça. 2.º vol. 78 - A invasão do mar, trad de Joaquim
- dos Anjos. 1 vol. 79 - O farol do cabo do mundo, trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.
- 80 A Aldeia Aéria, trad. de José Coelho de Jesus Pacheco. 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND - R. Garrett, 73-75 - LISBOA

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

### HISTORIA DA LITERATURA **PORTUGUESA**

### ILUSTRADA

publicada sob a direcção de

Albino Forjaz de Sampaio da Academia das Ciências de Lisboa

### ASSINATURA EXTRAORDINÁRIA

para venda dos últimos exemplares desta edição

Os três volumes da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTU-GUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século xviii. Impressa em magnífico papel couché os seus três volumes são um álbum e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas e escritores. vistas. gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, sêlos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-símiles de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fora do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres fora do texto e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro, o que constitue um núcleo de 1.168 páginas com 34 gravuras fora do texto e 2.157 gravuras no texto.

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, é escrita pelas mais eminentes figuras da especialidade, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sôbre vários assuntos firmam artigos A. Bote no da Costa Veiga, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Alfredo Pimenta, António Baião, Fidelino de Figueiredo, Gustavo de Ma tos Sequeira, Hernâni Cidade, Joaquim de Carvalho, José de Figueiredo, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge, etc., etc.

Cada fascículo de 32 páginas. profusamente ilustradas.

Esc. 10800

Aceitam-se assinaturas para todos os pontos do país

Examinem o fascículo-espécime em qualquer livraria

ou na

### LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett-LISBOA

### OBRAS JULIO DANTAS

#### **PROSA**

ABISTIMAS DOTRADAS — (3. edição), 1 vol. Enc. 13\$00;	
br	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br	15\$00
ALTA RODA — (3. dição), 1 vol. Euc. 17\$00; br	12\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SECULO XVIII — (3.*	
edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br	12\$00
br. — (1.ª edição), 1 vol. br. — (1.ª edição), 1 vol. br. — ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Bnc. 17\$00; br. — AMOR (0) EM PORTUGAL NO SECULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. — AO OUVIDO DE M.™o X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulleres — O que la lhe disse das mulleres — O que lhe disse das mulleres — O que la lhe disse das mulleres — O que lle lle lle lle lle lle lle lle lle l	
disse das mulheres - O que lhe disse da arte - O que	
eu lhe disse da guerra — O que lhe disse da arte — O que lhe disse do passado, i vol. Enc. 14\$00; br	
1 vol. Enc. 14\$00; br	0\$00
ARTE DE AMAR - (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00 : br.	10\$00
AS INIMIGAS DO HOMEM - (5.º milhar), 1 vol. Enc.	
17\$00; br	12\$00
CARTAS DE LONDRES - (2.ª edição), I vol. Enc. 15\$00:	12400
br	10\$00
	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Euc. 13\$00; br	8\$00
DIALOGOS - (2 & edição) r vol Pro rasor br	8\$00
DUOUE (O) DE LAFORS E A PRIMEIRA SESSÃO	0.000
DA ACADEMIA r vol br	
DA ACADEMIA, 1 vol. br ELES E ELAS — (4. edição), 1 vol. Euc. 13\$00; br.	1\$50
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ETERNO PEMININO (5.º edição), I vol. Enc. 13500; br.	8\$00
ETERNO FEMININO — (1. edição), 1 vol. Enc. 17\$00;	
br.	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br	10\$00
br. EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol.	
ISHC. 13800; Dr	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO - (2. edição), 1 vol. Enc.	
GALOS (OS) DIS APOLO—(2.* edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.  MULHERES—(6.* edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.  HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR—(Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.  OUTROS TEMPOS—(3.* edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.  PÁTRIA PORTUGUESA—(5.* edição), 1 vol. Enc. 17\$50; br.	8\$00
MULHERES — (6.4 edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br	9\$00
HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Confe-	
rências), 1 vol. Enc. 11\$00; br	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3. edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
PATRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$50;	
br	12\$50
POLITICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Confe-	
rência), r fol	2\$00
rência), 1 fol	
1 [0]	1\$50
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
10000000000000000000000000000000000000	
POESIA	
NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br	6\$00
SONETOS - (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br	4\$00
10 1-11 - 1-11 34-11 34 11 11 11 11	4400
TEATRO	
ILAIRO	4
AUCO DIEL DEL CELEUCO (	
AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br	3\$00 .
CASTRO (A) — (2.ª edição), br	3500
CEIA (A) DOS CARDIAIS—(27.º edição), i vol. br.	1\$50
CRUCIFICADOS — (3. edição), 1 vol. Enc. 13500; br.	8\$00
CRUCIFICADOS — (3.* edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.  D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.* edição), 1 vol. br.  D. JOÃO TENÓRIO — (2.* edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.  D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.* edição), 1 vol. br.  MATER DOLOROSA (6.* edição) vol. br.	3\$00
D. JOAO TENORIO — (2.8 edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br	3\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.  1023 — (3.ª edição), 1 vol. br	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR - (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.8 edição), 1 vol. br	4\$00
PRIMEIRO BEIJO - (5.ª edição), 1 vol. br	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.* edição), 1 vol. br. — PRIMEIRO BEIJO — (5.* edição), 1 vol. br. — PRIMEIRO BEIJO — (5.* edição), 1 vol. br. —	9\$00
REPOSTEIRO VERDE - (3.ª edição), 1 vol. br	5\$00
ROSAS DE TODO O ANO - (10.4 edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISICAO - (3.4 edição), 1 vol. Enc. 11500 : br	6\$00
SEVERA (A) - (5. edição), 1 vol. Enc. 11500: br	8\$00
SOROR MARIANA - (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
REI LEAR — (2.ª edição), i vol. Enc. 14500; br	3400
Enc. 13\$00: br	8\$00
Enc. 13\$00; br	8\$00
	0400

Pedidos à

### LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75-LISBOA

### UMA OBRA QUE É UMA FORTUNA

# LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

ENCICLOPÉDIA DOMÉSTICA

### NOVA EDIÇÃO MUITO AMPLIADA

COLECÇÃO METÓDICA DE

### 7.113 RECEITAS

**OBRA ILUSTRADA COM 200 GRAVURAS** 

Coordenação de SEAROM LAEL

### O LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sôbre todos os ramos profissionais e artísticos a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluidos conhecimentos de valia.

Obra de incontestável utilidade para tôda a gente

### No LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

são tratados todos os assuntos que muito interessam à vida pratica, como os referentes a:

Adorno de casa — Medicina prática — Maternidade — Mobiliário — Jardinagem — Farmácia doméstica — Géneros alimentícios — Lavagens — Colas — Vernizes — Higiéne — Conservas — Animais domésticos — Perfumarias — Iluminação e calefação — Couros e peles — Metais — Doçaria — Massas e cimentos — Socorros de urgência — Lavores e passatempos — Rendas e bordados — Tintas — Tecidos e vestidos — Estrumes e adubos, etc., etc., etc.

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

Um grosso vol. de 1.192 páginas, encadernado em percalina . . Esc. 30\$00
Pelo correio à cobrança, Esc. 33\$00

### Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

### ACABA DE APARECER O

# ALMANAQUE BERTRAND

para 1938

39.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

Coordenado por M. FERNANDES COSTA

Unico no seu género

A mais antiga e de maior tiragem de tôdas as publicações em língua portuguesa

#### RECREATIVO E INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros

### LIVRO MUITO MORAL

podendo entrar sem escrúpulo em tôdas as casas

PASSATEMPO E ENCICLOPEDIA DE CONHECIMENTOS ÚTEIS

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

### Encontra-se à venda em tôdas as livrarias

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 422 gravuras cartonado... **10800** 

Encadernado luxuosamente ... 18\$00
Pelo correio à cobrança mais 2800

### Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75-LISBOA